ÓRGÃO DO CENTRO CULTURAL "EUCLIDES DA CUNHA"

Tapejara

PONTA GROSSA
PARANÁ — BRASIL

Diretor: FARIS ANTONIO S. MICHAELE
Secretário: DAILY LUIZ WAMBIER
Redatores: JOÃO ALVES PEREIRA e ROLANDO GUZZONI

ANO II | PONTA GROSSA, FEVEREIRO DE 1952. | Nº. 6

Ao Exmo. Snr. Dr. Lázaro Nini de Campos

Repressão e moralização das publicações infanto-juvenis

Daily Luiz Wambier

Apesar da insistência, às vezes impertinente, que vimos imprimindo à nossa campanha, escrita e falada, contra a sub-literatura que se expõe à venda, franca e livremente, em tôda parte, nada de concreto foi possível conseguir das nossas autoridades públicas.

A divulgação das revistas e jornais, dêsse teor, continua a ser feita por quem quiser, onde entender e como lhe aprouver. Não importa que os leitores se encontrem, na sua maioria, entre a nossa população infanto-juvenil, de ambos os sexos. O que se deseja, e se obtém, descarada e abertamente, é o dinheiro que essa mal cheirosa literatura de esgôto proporciona aos criminosos que a exploram, sem que a lei o impeça. A essa nova mentalidade de "gangster" que apareceu de uns anos para cá, para desgraça do Brasil, não tem importância o mal que as aludidas publicações ocasionam à formação moral dos homens e mulheres de amanhã. Por isso, lançam mão de todos os expedientes, quaisquer que êles sejam, para que as suas revistas e os seus jornais tenham ampla divulgação, em tôdas as cidades brasileiras.

As aventuras, por assim dizer edificantes, de um Júlio Verne, um Emílio Salgari, um Karl May, etc. prefere-se as avilitantes historietas em quadrinhos, as outras histórias de crimes, modeladas pelo banditismo frio e calculado, a fim de servir à fema de leitura de nossa infância e juventude. As novelas de Macedo, Alencar, etc. optam pela pornografia ou heroísmo à maneira das revistas modernas, ditas de humorismo, mas cuja ilustração e texto indicam a sua condenável e asquerosa procedência.

Ninguém, em sã consciência, poderá encontrar qualquer elemento útil nessa literatura inqualificável e desclassificada. Tudo o que ela mostra ou ensina é impróprio e desaconselhável aos espíritos em formação. Ela contém a sugestão que avilta, o exemplo que degrada, a lição que desmoraliza, o alvitre que rebaixa e o reflexo que enodôa. Todavia, não se vê nem se sabe ou se conhece tal única medida do Govêrno no sentido de livrar as gerações futuras dos efeitos deletérios dessas leituras e gravuras. É profundamente lamentável que tenhamos de assistir, numa época em que outros povos tudo fazem para defender o caráter da sua gente contra as fôrças do mal que se abateram sôbre o mundo, a espetáculos dessa natureza, deprimentes para tôda a nacionalidade.

Alega-se que nada é possível fazer, a fim de reprimir ou moralizar essas publicações, porque o regime se opõe a qualquer providência que tenha por escôpo o cerceamento da liberdade de pensar e escrever.

Os que assim fundamentam o seu ponto de vista, pelo que se infere, acham melhor, face a preceitos constitucionais ainda não regulamentados por lei, que o Brasil anime uma geração que se cria sob as influências malsãs da sub-literatura de que se trata a que êle possua, para a sua grandeza de amanhã, uma pléiade valorosa de brasileiros crescidos sob a égide da moral e dos bons costumes.

Prefere-se dissolver a nacionalidade, através do cômodo que essas publicações representam, a mantê-la livre das suas pêssimas influências, preservando-se a nossa juventude dos seus efeitos perniciosos, apenas porque num determinado artigo da Carta Magna se inscreveu, dentre os direitos do indivíduo, o de pensar e escrever livremente. Tal direito, ôbviamente, cessa desde o instante em que fica caracterizado o crime de lesa Pátria que se pratica à sombra do preceito constitucional.

Era preferível, sem dúvida, a prevalecer o argumento apresentado, que se mudasse o regime, mas que se salvassem os homens e as mulheres de amanhã, isto é, o Brasil e as suas mais caras e puras tradições cristãs.

Não visamos a nenhuma revista ou jornal em particular, pois quase tôdas elas, de há muito, avançaram os limites impostos pela moral que devemos manter e defender, como um bem inestimável que não nos pertence, mas que é, inquestionàvelmente, um patrimônio que nos foi legado e que devemos transmitir, intacto, às gerações futuras.

Indoamericanismo EM MARCHA

Quem quer que se ponha a apreciar imparcialmente o panorama cultural brasileiro, logo se inteirará da existência de grave e incontornável crise.

Provocada pela intransigência partidarista de pseudomentores intelectuais; ou oriunda da patente mediocridade de servis imitadores de padrões estrangeiros de exportação; ou, ainda, promanando de inegável receio íntimo de superação por parte de fôrças novas inexauríveis; o certo é encontrarem-se os grupos, grupelhos e "igrejinhas" (que é dêles que falamos) numa situação que poderá ocasionar, com a sua, a própria ruína espiritual do país.

Nas metrópoles, que deviam ser o cérebro, o fôco de orientação, o ponto predileto das medidas e atos providenciais, o que medra nem sequer merece lembrado, não fôra o desejo sincero, que nos impulsiona, de denunciar à sã consciência do Brasil essas práticas nocivas que tudo fazem por esganar autênticas fôrças criadoras, de que êle tanto necessita.

Tabús, vultos de discutível competência e engenhosidade, figuras endeusadas pelas legiões incontáveis dos que primam por pensar pela cabeça alheia; bonzos, pontífices de hedondos "pastiches" de duvidosa originalidade alienígena, inimigos declarados e irredutíveis do que possa ostentar a flâmula do nacionalismo; enfim, narcisistas, novos e novíssimos gênios da excentricidade e da perversão do gôsto, sacripantas do exclusivismo e do despeito, tão mal simulados, apesar de tudo; estas e outras precisidades se nos depararão, a todo instante, numa abundância de estarrecer.

Nem mesmo os órgãos respeitáveis da imprensa e do rádio lhes escapam ao odioso domínio.

Proust, Rainer Maria Rilke, Kafka, Garcia Lorca, Freud, André Gide, Sartre ... É de Proust a Sartre e de Sartre a Proust, ininterruptamente, a atenazar o espírito do leitor em vicioso rodopiar de lugares e chapas repisadas, para não dizer, concretos de terceiro mão.

E como se a cultura ocidental nada mais houvesse produzido e os problemas cruciantes do Brasil se confundissem com tão indesejáveis e alheios requintes e exquisitices, ou com o que abrange a telescópica visão que vai tenecer na Baixa dos Sapateiros, como que à cingir, num fraternal amplexo, o "único" Brasil digno de ser visto.

Entretanto, louvado seja Deus!, ainda que pareça incrível, nem tudo está perdido. Bárbaro e inclemente, ante os olhos surpresos do mundo, há um brônzeo semblante que assoma, numa ânsia incontida. Desprotegido, desprezado, ignorado, êle, no entanto, pode, com seus ridículos óculos de baeta, enxergar além de Manáus e além de Pôrto Alegre, afirmando, assim, a realidade de um Brasil que sabe o que é e o que quer, dentro da honra e do respeito.

É a consciência sagrada de um povo que se integra no espírito da Indo-América trágica e gloriosa porém sábia e compreensiva. É o despertar de um gigante que, ninado pelas mendazes cantilenas das metrópoles em tumulto, agora pede o direito de pensar e agir sem o benepláfico dos fracassados que o ilaquearam e afastaram das raízes históricas e dos rumos verdadeiros. É é, acima de tudo, o grito altaneiro da Inteligência que está a exigir o pronto restabelecimento da genuina ciência, que não conhece predileções nem caprichos freudianos ou exclusivismos de pretensos clãs intelectuais.

Hoje, em todo o Continente, e mesmo fóra dêle, sem tomar conhecimento ou levar em consideração semelhantes mesquinharias dessa estranha fauna que enfeia as capitais, unem-se os homens de letras, as academias, os centros culturais e, por que não dizê-lo?, os próprios estadistas e homens de govêrno, porque bem compreendem a interdependência que preside às relações mútuas.

É a alma ingênua e altiva da IndoAmérica que se adoça num sorriso de paz e amor, pois é chegado um grande dia, o seu Dia.

MESTRE DAROS

Rolando Guzzoni

A manhã invade os telhados do aeroпôrto Santana, que se situa a poucos quilômetros da cidade. O sol, já alto, domina a amplidão verde dos campos, embalsamados pelo orvalho e se projeta janela a dentro da sede do aeroпôrto. Reflexos dourados de sol dão tonalidades estranhas no bronze do busto do senador Salgado Filho, que está disposto à direita da entrada da sede do aeroпôrto. A face do senador, iluminada pelo sol, parece ganhar tonalidades exquisitas que lhe dão uma expressão exata de vida. Há no canto dêsse busto uma inscrição. É a única coisa que indica o artista que o esculpiu. É um nome singelo, curto, que trái a origem mediterrânea: J. Daros.

A poucos quilômetros do aeroпôrto, em coração pleno da cidade, vive J. Daros, o escultor, o pintor, o músico, o poeta, o professor. São, evidentemente, muitas faretas para um homem apenas, todavia não subsiste a menor dúvida de que êsse homem representa, de fato, um patrimônio intelectual e artístico da cidade, e, o que é mais importante, um dos mais completos auto-didatas que temos encontrado. Apesar de tudo, se não fôsse professor ginasial, seria mais um dessa legião incontável de ilustres desconhecidos de valor insofismável, desconhecido, pelo menos em grande parte, da geração que aflora na segunda metade dêste século. Já dizia Montesquieu que primeiro a obra dá reputação ao artista e depois êste dá fama àquela. Com efeito, existe certa razão no pensamento do grande pensador francês, mas modernamente, com as naturais exceções, a reputação de um artista em face das massas está mais em função da propaganda do que de seus méritos. Poderíamos dizer que isso seja reflexo dos excessivos efeitos de causas estreitamente associadas à civilização que se processou depois da primeira guerra mundial.

O fato é que J. Daros em sua imensa arte é conhecido de poucos. Causas ponderáveis têm contribuído para isto. Uma delas, talvez a principal, é ser a cidade ainda pequena para que a fôrça vigorosa da sua obra rompa o reduzido âmbito e ganhe maior amplitude. Outra, é a excessiva modéstia do mestre, que teve a maior parte da sua vida no seu "atelier" que representa para êle um sacrário, o mesmo que significava para Anatole France o seu gabinete de trabalho cotidiano.

Não é J. Daros apenas um escultor de méritos excepcionais, que o distanciam da linha comum dos artistas vulgares. É também um pintor de exuberante personalidade, laureado através de exposições que realizou sob a imposição de admiradores da sua obra. Um exemplo pelo qual se podem aquilatar, sem restrição, as grandes qualidades artísticas de J. Daros é o busto em bronze de Salgado Filho. O Aero Clube Pontagrossense encomendou-lhe o busto do senador, que seria fixado numa das dependências principais da sua sede em homenagem ao grande incentivador da aviação em nosso país. J. Daros jàmais havia visto o senador, sinão através de fotos reproduzidas em jornais, que, recebemos, nem sempre são satisfatórias. Mesmo assim, mestre Daros lançou-se à empreitada, sem desanimar, e o que saiu foi uma obra de rara fidelidade, comprovada por muitos que conheciam pessoalmente o senador. O rosto dêste, observado de todos os ângulos, é duma fidelidade absoluta e impressionante. Sua expressão mais característica foi apanhada com felicidade pelo mestre, com essa intuição de que são favorecidos sòmente os artistas de exceção. O rosto bronzeado parece ter vida. Dá impressão de que no interior da máscara existem células que têm vida e realizam uma

(Continua na segunda página)

Marumbí

PARA "TAPEJARA"

Marumbí, uma vez mais, ó meu gigante amigo,
pude, há dias, te olhar com calma, longo tempo,
Suave a hibernal manhã, por um sol das nove horas,
surrias no esplendente arrôjo dos teus píncaros.

Desde guri, reservo em teu favor, bem sabes,
êste apêço especial, e tanto me comoves.
Amou-te meu Avô, que te galgou pioneiro,
e junte a ti meu Pai sonhou, criança e adulto.

Cada momento é poema em que te fazes novo,
dominando, integral, a perpétua beleza,
e êsse é o teu conselho aos vencidos e eéticos.

Porém, no matutino encontro de há alguns dias,
mais alto te senti, no vulto e nos exemplos,
quando dos teus grotões nasciam alvas nuvens.

VALFRIDO PILOTO,
(Curitiba)

GUERRA HOLANDESA

(FRAGMENTO)

Por **Tobias Barreto**

(As Três Raças Unidas Contra os Piratas)

Barreto diz: "Somos poucos
De encontro ao troço holandês;
Que vamos fazer, ó loucos ?
Morrer inglórios, talvez...".
"General, brada Vieira,
Foi minha a idéia primeira,
O passo primeiro é meu !
Morreremos neste extremo...".
Camarão ruge: "não temo!!".
Henrique Dias: "nem eu!".

(1861).

RESURREICION

Esta esperanza que alimento en mi vida
resucitada en el milagro de un amor
es un canto a la amada presentida
en la fragancia y pureza de la flor.

Mi fe estaba en la noche de la desesperanza
y fué iluminada por la nueva pasión,
y volvieron mis sentidos a la vida
resurgiendo la vida a mi corázón.

Antonio Balboa (Uruguay)

Sinópse da idéia de número

(TRECHO DE PALESTRA)

Por Nelson José Rodrigues. (Aluno da 3ª.a. Série do Curso de Matemática, da Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa).

"Não se sabe, hoje, quantas espécies de caractêres existiram na mais remota antiguidade e que foram passando de uns para os outros povos e sofrendo, como é fácil observar, muitas transformações. Entre tais caractêres, podemos citar os egípcios, chineses, hebráicos, gregos, hindús, babilônicos, árabes, etc. De todos êsses caractêres, certamente os mais disseminados pelo mundo são os caractêres árabes, talvez pela simplicidade de sua representação gráfica e pela facilidade de guardar na memória.

Como se pode observar, já demos um salto muito grande no domínio dos números, pois saltamos, possivelmente, sôbre um espaço de quatro mil anos, desde os primeiros passos ou ensaios para medir e comparar as grandezas; já estamos talvez além de ZENON, isto é, já devemos estar numa época em que começa a revelação dos grandes segredos da natureza. Neste ponto o homem, certamente, já não seria um animal muito selvagem, talvez tivesse um aspécto sôbrio, talvez possuisse já um espírito mais apurado, sem o que, nada poderia fazer, ou melhor, nada poderia observar. Deixando de lado a grande civilização egípcia, desenvolvida às margens do Rio Nilo, o grande florescimento da escola de Alexandria, os conhecimentos dos princípios básicos do velho AHMÉS, com a sua aritmética, a que parece ser a mais antiga, vamos ainda encontrar na América — também chamada Novo Mundo — povos de grande cultura — Os Maias — que possuiam notável conhecimento de matemática, tendo criado um sistema de numeração de base vinte, o qual possuia valor relativo para as suas cifras, entre as quais existia uma para representar o zero.

Sôbre a verdadeira origem dos caractêres que representam os algarismos usados hoje pelos povos civilizados, há uma série de suposições, cada uma com a sua razão de ser; mas, estudiosos do assunto querem dizer — o que não está fora de cabimento — que o algarismo um, para representar uma unidade era representado gráficamente por um traço vertical; o algarismo dois era representado por dois traços, formando um pequeno triângulo com o vértice voltado para a direita; o algarismo que representava o número três, na forma de três pauzinhos ligados consecutivamente formando uma linha quebrada; o zero era representado por um ponto e assim sucessivamente, de modo a atravessarem fronteiras, sofrendo sempre algumas modificações até estacionarem nos caractêres que hoje conhecemos".

Poema da Vida

Paulino Santiago
(Maceió, Alagôas)

CANTO I

Infância

Quando parti, tu me disseste :— Escuta :
Nunca mais me verás.
Conforma-te. Sê forte e altivo e audaz na luta. Não olhes para trás!

CANTO II

Juventude

Vim. Recebeste-me entre flores,
Cantos e luzes, como a um deus.
Sorvemos o hidromel de todos os amores;
Subi, de gôzo, aos céus, nos braços teus.
Mas ao partir, falaste assim :
— Segue, que sou um armado cavaleiro !
Faze da vida um meio e da bondade um fim !
Estuda, pensa, crê. Sê brando e justiceiro.
Vai ! Para sempre esquece-te de mim...

CANTO III

Maturidade

Quando do teu solar me abriste as portas
Inda brilhava o sol do outono e inda aquecia.
Tu me abraçaste e fomos,
Sôbre o extenso lençól das fôlhas mortas,
Do teu jardim comer os sazonados pomos.
A tarde esmaecia...
E então, colhendo um derradeiro fruto,
Levaste-o à minha bôca.
E, serena e tranquila e de semblante enxuto,
Apontaste-me a estrada. — Anda ! Põe-te a caminho !
Agasalha-te bem, que o tempo é incerto.
Uma gaze de frio os cimos touca,
E como vais sòsinho,
Tem cuidado com a noite que vem perto !...

CANTO IV

Velhice

Ia avançado o inverno, quando,
Roxo de frio e os pés sangrando,
Vi com o olhar amargurado e triste
Que não tinha mais nada na sacola.
Bati. Surgiste,
E, embora dúbio o passo, inda sustinhas firme
Nas engelhadas mãos, para acudirme,
O caldo bom da tua esmola.

Era tristonho e pobre o teu tugúrio,
Calmo e silente como um claustro; mas
De vez-em-quando um mórbido murmúrio
De saudade, de queixas e de pranto
Quebrava aquêle encanto
De repouso e de paz.
Seriam, quem sabe ? gemidos do vento,
Soprando nas frinchas dos muros gretados,
Ou o éco soturno do flébil lamento
Dos mortos, chorando seus velhos pecados...

Olhaste-me, e eu baixei as pálpebras cansadas :
Tinhas entre o negrume das pupilas
Rubros clarões de incêndios e alvoradas.
Falaste-me, e eu tremi. Como a voz das sibilas,
Parecia nascer no princípio dos mundos
E vir na asa dos séculos, ecoando
Por serros e alcantis e por grotões profundos,
A tua própria voz :
— Bramindo,
— Rolando,
— Rugindo,
Até chegar perto de nós :

— Eis-te afinal, viajor, chegado ao val-de-lágrimas !
Verte-as ! Aquêle rio é delas que transborda.
Dos teus olhos, porém, se as fontes se esvairam,
Chore-as tua alma, então e, chorando, consagre-mas...
É tudo quanto peço em troca desta agorda,
Quanto colhi dos que, no último adeus, partiram.
Tal como à-flor de um lago a sombra de uma nuvem,
Tudo o que havia em ti — sonhos, ânsias, gemidos —
Foi miragem fugaz de uma alma abstrusa e louca.
— Ó ! Não esperes mais, das seáras, que se enluvem
De brotos para a festaa arval dos teus sentidos,
De grãos para o prazer sensual de tua bôca.
— Esquece que és alguém. Da fronte arrasa os sulcos,
Serena o rosto e espera a suprema chamada
Que há de vir dos confins distantes e profundos.
— E então, da terra insôbria aos vastos seios hiulcos
Voltarás como um verme, um grão de poeira, um nada,
Para a renovação dos sêres e dos mundos.

CANTO V

Finis

Na noite e no silêncio do tugúrio
Vaporosos fantasmas se esgueiravam
E mal se ouvia o mórbido murmúrio
De sombras que na sombra soluçavam.

Mestre Daros

(Conclusão)

ções !

Temos em vários pontos da cidade trabalhos de mestre Daros, esculpidos ou pintados. As suas telas indicam uma acentuada e forte originalidade, decorrente de seu auto-didatismo, embora apresentem um cunho de classicismo tão ao nosso gôsto da Renascença, dessa escola na qual pontifica Miguel Angelo Buonarrotti, que primeiro aplicou a psicologia à arte.

Mas mestre Daros não é apenas escultor e pintor. É um bom músico, que só os da sua intimidade sabem, tem uma bela voz de barítono com a qual interpreta alguns difíceis trechos operáticos. A natureza exuberante de latino dotou-o de excepcional "verve", tendo um dom de oratória e de improvisação notáveis.

A arte lírica é uma das grandes paixões de mestre Daros. E seus amplos conhecimentos no assunto, permitem-lhe discorrer sôbre ela horas a fio, sempre de maneira fascinante. Ouvindo um trecho cantado por Tita Rufo ou Caruso, desata em borbotões de comentários críticos que demonstram os seus notáveis conhecimentos na arte do canto.

É mergulhados nessa admiração que temos pelas múltiplas facetas de seu talento de artista, ficamos, por vezes, cismando, duvidando, até, de que a natureza seja tão perfeita como se diz, porque existem tantos por aí que com vontade férrea lutam por aprender qualquer atividade artística e nada conseguem, ao passo que outros, com a maior facilidade, como o nosso mestre, dominam-nas com abismante facilidade.

Esta crônica parte de um seu ex-aluno dos tempos ginasiais. De um aluno boa-vida, que não sabia aproveitar os sábios ensinamentos de mestre Daros, aplicados em favor da disseminação da arte do desenho entre a mocidade. Mas, felizmente, houve outros que os aproveitaram e dão uma certa segurança ao mestre, uma relativa certeza de que seus esforços não foram de todo perdidos.

A modéstia fará com que mestre Daros nos dê uma pesada descompostura. Escolhemos isso e arrostar os puxões de orelha a deixar que a sua personalidade se vá esvaindo entre as quatro paredes de seu "atelier". E isso é bastante confortante...

Da. JUDITE SILVEIRA

L. J.

Inaugurou-se recentemente em praça pública, como um preito de saudade e reconhecimento, a herma de Dna. Judite Silveira, essa professôra extraordinária, da qual o próprio nome se transformou em símbolo de ensino eficiente e honesto.

Com os olhos da infância, através das lembranças gravadas em meu espírito, quero prestar uma homenagem à minha professora de há 22 anos atrás. Foi ela quem me preparou para o exame de admissão ao Ginásio "Regente Feijó", e, durante os 8 meses em que fui seu aluno, fiz por aprender o que ela profissionalmente me ensinou; aprendi muito mais, entretanto, daquilo que não era do programa pedagógico, e que nós, os seus alunos, absorvíamos inconcientemente: o seu exemplo de honestidade e de trabalho. Como o ar que respirávamos, era também vital o que aprendíamos sem o pressentir.

Lembro-me das vezes inúmeras em que, por falta de quem lhe auxiliasse nos trabalhos domésticos, Dna. Judite subia, à instantes, a íngreme escada da sala de aulas, para "dar uma olhada nas panelas" como ela dizia, depois de nos haver imposto uma tarefa qualquer; suas ausências duravam pouco, e em alguns minutos ela estava de volta, às pressas, e já do alto da escada chamando a atenção daqueles que vadiavam ou conversavam. Compungido, rememoro a ocasião em que seu filho menor, Alcy, e que depois faleceu, se encontrava enfêrmo. Com que ansiedade, ao chamado de seus familiares, ela subia, já cansada pelos anos de magistério e pelo pêso do sofrimento, aqueles degráus penosos, e com que desalento Dna. Judite regressava, os olhos vermelhos, soluçando às vezes, para prosseguir na faina de nos instruir, cumprindo assim, corajosamente, o seu dever!

Suas aulas começavam e terminavam rigorosamente à hora certa, e não havia chuvas ou manhãs de geada que a fizessem desviar da rotina. Para nós, crianças, isso era o suprassumo da severidade, e para ela, talvez, um grande sacrifício, mas não seria Dna. Judite quem desviruaase a norma de trabalho a que se havia submetido. A sua grande felicidade de professôra era constatar que os seus alunos obtinham sempre as melhores notas nos exames de admissão; e com que alegria de mãe ela estimulava os seus discípulos informando em aula, orgulhosamente, que êste ou aquele havia passado em primeiro lugar! Como o lavrador feliz que na colheita acaricia as suas espigas cheias e cor de sól, depois "de tantos cuidados dispendidos e tantos suores derramados, assim Dna. Judite ostentava os alunos que se salientavam, e que, para sua grande satisfação, eram quase todos; êsses eram as espigas cheias e cor de sól da sua roça bem amanhada, da sua rocinha querida de corações virgens e inteligências em flôr.

Era ela mais feliz do que o semeador, na parábola enunciada pelo divino Mestre: "Um semeador saiu a semear a sua semente, e, quando semeava, caiu alguma junto do caminho, e foi pisada, e as aves do céu a comeram; e outra caiu, sôbre pedra, e, nascida, secou-se, pois não tinha humidade; e outra caiu entre espinhos, e, crescendo com ela os espinhos, a sufocaram; e outra caiu em boa terra, e, nascida, produziu fruto, cento por um." A semente que Dna. Judite semeava caía mais vezes em terra fértil e os frutos que produziam o eram a "cento por um". oje ainda, das sementes que ela lançou, rebentam, nos espíritos de muitos de seus alunos do passado, flôres e frutos. flôres de inteligência e frutos de honradês e trabalho, ignorando quasi sempre os aquinhoados por tão magníficas florações donde teria vindo a semente que tão produtiva se revelou.

Lembro-me bem ainda daquele dia em que foram afixados os resultados dos exames de admissão; com que nervosismo, nossa professôra e nós, os seus alunos que haviam se submetido às provas, aguardávamos as notas, que coroariam os nossos esfeços ou castigariam a nossa incúria! Quando elas foram anunciadas, pudemos, jubilosamente, informar à Dna. Judite que os seus pupilos não a haviam decepcionado; todos havíamos sido aprovados, e com as melhores classificações! A nossa mestra não se conteve e foi chorando que ela nos felicitou a todos, desejando-nos uma brilhante carreira e, para sempre, se separando de nós.

Mesmo depois que os seus antigos alunos, após haverem terminado o curso secundário e ingressado em escolas superiores, aí se destacavam, ela não os esquecia jámais e nunca os perdia de vista. Falava dêles em aula, e com as suas vitórias incentivava as nossas ambições de crianças, fazendo-nos desejar os mesmos louros.

A Dna. Judite, cujo espírito repousa lá nas mansões do Senhor, eu deponho a flôr do meu agradecimento, aquela mesma flôr de pétalas orvalhadas com que procurávamos, os seus alunos, agradá-la, ao iniciar as suas lições. Não sei si a sua semente caiu, acaso, em rocha sáfara, e disso não nos cabe culpa; não sei si as sementes vingou, estuante de seiva e flôres, como seria do seu desejo; sei apenas que tudo fizemos para que assim acontecesse e fôssemos sempre dignos da sua confiança, e, mais do que isso, de sua convicção em nossos merecimentos, de nós, todos os seus discípulos.

Taunay e o Paraná

Gabriel Mena Barreto — Do Centro Cultural "Euclides da Cunha"

Foi em Maio de 1886 que o Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay deixou a presidência desta então província do Paraná.

No ano anterior, havia sido nomeado para aquele alto posto, o qual renunciara, a fim de ser empossado no cargo de deputado geral, eleito pelo Partido Conservador de Santa Catarina.

Logo após, vagava-se uma cadeira no Senado com a morte do almirante barão de Laguna, tendo os conservadores catarinenses escolhido três brasileiros ilustres para seus representantes, entre os quais, por sinal o mais votado e que merecera a preferência do imperador, o visconde de Taunay.

Ingressar no Senado era a mais alta aspiração dos políticos do império, o que êle conseguiu em 1886, aos quarenta e três anos de idade. Taunay era o Benjamin do Senado e gozava de invejável situação política.

Nascera no Rio de Janeiro em 22 de Fevereiro de 1843 e faleceu na referida Capital em 25 de Janeiro de 1899. Seus pais, o barão e a baronesa de Taunay, fizeram com que êle seguisse a carreira dos armas para a qual, aliás, não demonstrava o menor pendor ou vocação.

Assim, feito o curso secundário no Colégio Pedro II, o jovem Taunay matriculou-se na Escola Militar, donde saiu alferes-aluno, após brilhante curso, tendo galgado ràpidamente os postos de segundo e primeiro tenente de Artilharia. Engenheiro militar e com o curso de Estado-Maior, ingressou no Corpo de Estado Maior, sendo colega do ilustre capitão dr. Francisco Antonio Monteiro Tourinho, nome também vinculado à história do Paraná por memoráveis serviços prestados no setor da engenharia militar e civil.

Já no posto de major e professor da Escola Militar, Taunay demite-se do Exército para dedicar-se, inteiramente, às suas atividades políticas e literárias.

Veterano da campanha do Paraguai, tendo sido um dos reformados da Laguna, epopéia que deixou magnificamente descrita em obra de renome universal; secretário do conde d'Eu, na última fase daquela guerra, foi com pesar que o Exército viu-o abandonar a profissão, em 1885. Oficiais de tôdas as patentes enviaram-lhe apêlos veementes no sentido de que continuasse a empestar a classe o vigor de sua per-

(Conclui na página 14)

Discurso

oferecendo um jantar ao Senador Flavio Carvalho Guimarães

Por Murillo Teixeira Barros

Nesta época materialista que atravessamos, muitas vezes ficamos amargamente decepcionados com o egoismo de uns, os interêsses pessoais de outros, com as provas de mesquinharia política e os erros e a falta de patriotismo de muitos, que não sabem cumprir seus deveres e nem se dedicam ao serviço da coletividade. Sômos então arrastados ao mais negro pessimismo, por considerar que a República é incapaz de resolver seus problemas.

Entretanto, basta surgir no cenário nacional a figura de um homem de bem para afugentar tôdas as preocupações derrotistas, fazendo despertar vivíssimo entusiasmo com suas palavras sinceras e ponderadas, que ecôoam no Parlamento Brasileiro como mensagem de esperanças e seus fulgurantes exemplos de trabalho, equilíbrio e firmeza estimulam novas energias, renovando tôdas as fôrças do espírito e tôda energia dos nossos corações.

E o que sucede com a personalidade do nosso homenageado.

O Senador Flavio Carvalho Guimarães honra o Parlamento do Brasil e é uma das reservas morais que a República guarda com veneração.

Filho da cidade de Ponta Grossa, estudou na tradicional Faculdade de Direito de São Paulo — êsse celeiro de estadistas republicanos e formou-se, após brilhante curso, mostrando aos seus mestres e colegas os fulgores de uma inteligência privilegiada e a beleza imaculada do seu caráter.

Após a guerra de 1914 ingressou na política, embora desde os tempos de estudante sempre se tivesse destacado nas lutas pelos direitos do povo e nunca se houvesse alheiado aos movimentos reivindicadores e as correntes cívicas visando a grandeza do Brasil.

O Senador Flávio Guimarães tem produzido muitas monografias sôbre vários assuntos, principalmente no setor econômico e filológico.

No terreno da Economia, sua eficiente ação se fêz sentir quando da sua gestão à frente de Estabelecimentos Creditícios Federais, ainda hoje considerada como administração modelar.

No campo da Filologia o seu brilhante espírito, mais de uma vez, soube elucidar dúvidas e estabelecer "cânones" no que se refere à ortografia, como no tangente à Sintaxe. Defendeu a unidade da língua portuguesa escrita, combatendo denodadamente os novos néscios das correntes literárias, ditas modernistas, principalmente os "precisiodistas" dos Moleques de Engenho e Banguês do tipo "josé lins do rêgo".

Leu e compreendeu a Decadência do Ocidente de Spengler, tirando proveitosos ensinamentos e aumentando seu vasto cabedal de mestre.

As intelectuais do Centro Euclides da Cunha fazem ao Senador Flávio Guimarães um fervoroso apêlo em favor das letras brasileiras, no sentido de publicar seu livro — "O Ciclo da Madeira", assunto que, discorrido por um mestre e pensador, será de palpitante interêsse.

Além de prestar muitos serviços à sua cidade natal, obtendo subvenções para instituições de benemerência e execução de obras de utilidade pública, o ilustre parlamentar brasileiro, com a erudição que lhe é peculiar, fêz uma brilhante exposição mostrando a inadiável necessidade da mudança da Capital Federal — tema empolgante que regalou imensamente os corações euclidianos.

Depois, a grande afinidade espiritual do ilustre homenageado com os ideais do Centro Euclides da Cunha fêz com que obtivesse um valioso auxílio para a difusão dos temas de colorido verde e amarelo, seguindo sempre o pensamento realizador do nosso querido patrono.

Discutindo problemas fundamentais de nossa nacionalidade; procurando incutir nos moços de hoje — dirigentes do Brasil de amanhã, a responsabilidade de prestar serviços úteis ao país; valorizando o Brasil-Interior, ainda pouco e pouco conhecido; despertando o amor pelas tradições verdadeiramente brasileiras; estimulando os valores esquecidos do nosso folk-lore, como expressões sinceras da alma sertaneja; fazendo esfôrço para regenerar pela cultura as fôrças morais, conhecidas por uma materialista época de transição; e colocando em equação todos os temas ventilados nas páginas imortais d'Os Sertões", — tal é a orientação básica do Centro Cultural Euclides da Cunha.

Já comparei, certa vez, a nossa instituição com o arraial de Canudos e fiz apologia da pitoresca denominação de "jagunço" aplicada aos euclidianos.

— "Não mandamos partidas depredar os arredores. Enviamos aos intelectuais do Brasil inteiro a nossa mensagem fraternal de congraçamento de esforços, através das colunas do nosso "Tapejara": Não acreditamos na mística do Bom Jesus, como fizíamos os devotos de Canudos. Temos sim a mística de um futuro Brasil forte e pujante e acreditamos na sua elevada missão histórica. Não desejamos a volta de el-rei D. Sebastião que pereceu na trágica jornada de Alcacer-Kibir. Queremos sinceramente que homens de fôlêgo como Prudente de Morais, Campos Sales e Rodrigues Alves voltem a dirigir os destinos do Brasil."

E por isso que sômos jagunços e eis porque nessa encantadora cidade situada em pleno coração do Paraná, levantamos o nosso arraial, baluarte de luta, hoje transformado em tejupar de hospitalidade.

E é muita honra para todos nós receber um ilustre jagunço que vem do Senado Federal compartilhar de um humilde jantar, mesmo sem o sabor sertanejo da passoca, do dôce de burity, do arrôs de pirú e a indispensável caneca de aluá.

E em nome dos meus companheiros do Centro Euclides da Cunha e dos amigos e admiradores de V. Excia. que encontânearemte se associaram a esta justa homenagem, quero testemunhar a nossa gratidão, o nosso respeito, a nossa admiração às suas elevadas qualidades de espírito e coração, e, testemunhando fé nos elevados destinos do Brasil, todos nós lutamos e trabalhamos para que as gerações do futuro digam de nós o que dizemos hoje de nossos antepassados.

No passado, teu nome era
[um mito
Era o sol a brilhar no infi-
[nito
Era a glória na terra a bri-
[lhar

São Luiz de Cáceres

Para "Tapejara" — — — Ten. Cruz Arzua — — — —

Conservo, muito propositadamente, a denominação de "São Luiz de Cáceres" para designar a graciosa cidade plantada à beira do majestoso Paraguai, no extremo Centro-matogrossense, como um protesto à supressão do complemento "São Luiz", imposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Os naturais e os que nela se radicaram não puderam ou não quiseram abandonar a denominação primitiva.

Pois eu, que aí vivi, por quase 4 anos, também me enfileirei entre os inconformados pela deliberação do I. B. G. E. porque traduz uma violação de vínculos históricos que não devem ser abandonados.

Fundada em 6 de outubro de 1778, pelo grande D. Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, capitão-general da novel Capitania de Mato Grosso, com a denominação de Vila Maria, foi elevada à categoria de cidade na mesma data do ano de 1874, isto é, 96 anos depois de sua fundação, já com a nova denominação de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao seu fundador e ao padroeiro da localidade.

"São Luiz", que foi, em vida, também grande Luiz IX, Rei de França, no período de 1226 a 1270 e canonisado em 1297. O espírito, tão acentuadamente cristão e cívico da população facetas, ainda hoje, de seu aprimorado caráter, reverenciou a memória de duas figuras singulares na história do cristianismo e dos feitos legendários de nossa expansão territorial para Oeste.

A criação de Vila Maria foi uma consequência da mudança da sede da Capitania, de Cuiabá para Vila Bela, hoje a decadente cidade de Mato Grosso, plantada quase às nascentes do Guaporé.

Vila Bela passou a ser a sede da Capitania e residência dos seus Capitães-Generais. Cuiabá, cuja população crescia constantemente, pela afluência de aventureiros que iam à caça do ouro das já célebres minas de Cuiabá, não podia ficar ao abandono e, por isso, vez por outra, os capitães-generais estavam obrigados a visitá-la. O caminho costumeiro era de Vila Bela à Passagem Velha, no Paraguai, a jusante Fôz do Jauru e daí a Cuiabá ou descendo o Paraguai até o S. Lourenço e por êste subindo até Cuiabá ou demandando, através dos pantanais e mineraria de Poconé, rumo à antiga Capital. A frequência de encontros com os selvícolas e a travessia dos pantanais, em trechos de dificílima passagem, sugeriram a necessidade de se buscar novo roteiro que oferece mais segurança às comitivas.

Realizar-se então, uma passagem mais acima, a montante do Jauru, onde hoje se ergue São Luiz de Cáceres. É conveniente esclarecer que Vila Bela-Cáceres-Cuiabá, ficam quase no mesmo paralelo. Daí, o acêrto da escolha. Cáceres se caracteriza, principalmente, pelo aspecto vetusto de suas ruas e de seu casario. As ruas raramente são em linha reta. Estreitas como verdadeiros corredores, tem-se a impressão de que as casas foram semeadas ao invés de construídas. As ruas quebram-se, de espaço a espaço, mas isto lhes dá um encanto pitoresco. A cada passo, novos aspectos se desenham. Perdem a monotonia. Há sempre nova alacridade no cenário que se sobrevêm. Sua população hoje, deve ser de 10.000, incluindo-se os distritos que lhe estão à ilharga. População que descende dos naturais e bandeirantes paulistas, é por formação, laboriosa e se dedica, principalmente, à criação do gado vacum e em tôrno desta atividade gravitam e prosperam tôdas as outras atividades. O meio circulante tende sempre a aumentar e nunca a se esvair, pois que a venda do gado em pé, e de seus produtos derivados, incluindo-se, em primeiro plano o xarque, da poaya, atrái o dinheiro de várias procedências. Verdade é que isso não constitui uma riqueza disseminada, como seria de desejar, mas aumenta, de alguma forma, o curso da moeda. A extração da "ipéca" é outra fonte de riqueza da região. Afirma-se, talvez sem exagêro, que a melhor "poaya" das que se extraem no mundo é a da região Cáceres-Mato Grosso (município) pois que o habitat dêsse vegetal é na região das florestas densas, sujeitas ao fenômeno das chuvas periódicas que vão de novembro a maio, época apropriada para a sua extração. Êsse vegetal nasce no recesso dessas florestas e sua extração demanda aparelhamento especial.

Seu princípio ativo é a emetina, de uso tão generalizado. Para extraí-la, os "poaieiros" usam um instrumento de aço, pontiagudo, de forma cônica, de 0,25 de comprimento, a que se ajusta um cabo de mais de metro de comprimento. Com êsse aparêlho "afofam" a terra, com a preocupação de não danificar-lhe a raiz. Esta faina dura meses e os poaieiros andam em comitiva e sua produção, quase sempre, pertence a todos os seus componêntes.

Convém assinalar que, na região, já está criado o neologismo "Poaiar", incluído na categoria dos verbos, pois é corriqueiro dizer-se que "fulano foi poaiar".

Quanto aos dotes de cultura e de inteligência, devo dizer que o cacerense é de rara vivacidade, dotado de grande faculdade de apreensão, grande senso de iniciativa e grande predisposição para a luta pela vida. É um incancável. Não poucos de seus filhos têm se dedicado às letras. Tem também acentuada predileção pelas festas e folguedos, tanto profanos, como religiosos. As festas do Divino Espírito Santo, em maio e de S. Benedito, em junho, são concorridíssimas e atraem forasteiros de todos os quadrantes. Por essa época realizavam-se as Cavalhadas e as Touradas, aquelas já, de há muito desaparecidas nestes folguêdos. As touradas, porém, até há bem pouco tempo, se realizavam, à moda da casa, isto é, sem os esplendores estonteantes das touradas espanholas. Mas a coragem, a intrepidez, o destemor dos nossos "bandarilheiros" não podem nunca ser ultrapassados, em quaisquer outras partes.

Tivemos oportunidade de assistir a algumas touradas, nos anos de 1939 e 1940. Ficamos empolgados quando não estarrecidos! Homens simples, peões das fazendas, arvorados em toureadores e capinhas! Em cada tourada há um só toureiro e vários capinhas, aquele montado a cavalo, armado de espada e êstes a pé e descalços! Um acompanha o toureiro em sua única "sorte" com cada touro. Vai à porta do brete, esperar o animal e cumpre-lhe "dar-lhe" de espada e, si o não fizer, terá que apear para enfrentá-lo a pé. Cobre-lhe a proesa o capinha. Feita a sorte, retira-se o toureiro e ficam, na arena, os capinhas a jogar com a vida, frente ao animal enfurecido. Que destemidos! Que despêzo pela vida! Que loucuras praticam! Treme-se a cada instante, prevendo-se um desenlace cruel ou fatal. Mas isto raríssimas vezes acontece. Exausto o touro, invadem a arena os "máscaras". Convém esclarecer que os "máscaras" são os "clowns" das touradas. Quase sempre são constituídos de "capinhas" decaídos ou de principiantes que aspiram chegar às culminâncias da carreira. Usam máscaras e fazem tôda a sorte de palhaçadas frente ao touro que está a caír de cançado e incapaz de qualquer reação. Costumam-se usar o refrão "entregue aos máscaras", quando se quer designar alguém que está desanimado, apático, indiferente ao que lhe acontece em derredor. A sua origem não será, por analogia, essa que se usa para designar o touro que "deve ser entregue aos máscaras", porque não serve para mais nada? Outro aspecto que caracterisa bem o gréo de cultura do bom povo cáceresne é o do jornalismo, pois de 1878,

(Conclui na página 13)

VILA VELHA

JOANIDES ALBACH (Para "TAPEJARA") — —

As fôrças da natureza construiram uma das suas mais belas obras, na terra paranaense — a VILA VELHA.

Os enormes conjuntos de arenito, constituindo verdadeiras montanhas, trabalhados durante milênios pelos agentes naturais, se formaram, primitivamente, pela ação das fôrças violentas e poderosas da natureza, talvez uma erupção vulcânica, seguida de fortes tremores de terra e posterior sedimentação do terreno convulsionado.

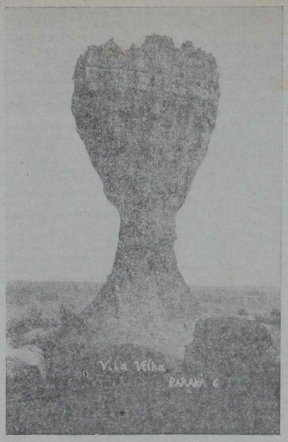
Êste prodigioso lavor oferece aos homens um espetáculo grandioso e eloquente, demonstrando que a vitalidade natural operando isolada ou conjuntamente, pode construir obras de rara beleza, que não só extasia o mais fino artista, como empolga o mais exigente esteta, sobrepujando a ventade humana na realização dos maiores cometimentos — eis que a natureza também cultua o belo.

O incessante labor das noites frias, seguidas de cálidos dias de sol, parte uma rocha aqui, outra acolá, e mais outra, revestindo-as de formas brutas um tanto ásperas.

O vento, arrastando pequenos grãos de areia, açoita e metralha constantemente o trabalho realizado pelo frio da noite e pelo calor do sol, desbastando, aos poucos, a rudeza das rochas, dando, a estas, formas um tanto harmônicas.

A chuva se despenca, ora minguada, ora numa louca enxurrada, levando na turbilhonante corrente os cavacos de pedra e os grãos de areia, como que lapidando apressadamente os penedos, e guiando a molhada argamassa aos sulcos e buracos, unindo uma rocha aqui e outra alí, estabilizando-as em preciosos grupos.

Ribomba o trovão no céu e cai um raio vermelho sôbre uma ou outra laje, estilhaçando-a ou perfurando-a de alto a baixo, ou ainda, separando-a com a sua fôrça irresistível para se delinearem novas peças arquitetônicas, dignas de um Phidias.



Uma vista de Vila Velha

Aqui se modelou em linhas gerais uma colossal Taça de Pedra, a qual, sòmente gigantes poderiam usar para fazer libações aos seus monstruosos deuses.

Alí se ergue uma figura misteriosa, tão muda quanto o próprio penedo de que é formada — é a Esfinge sondando o longínquo horizonte, onde o céu azul infinito se casa com as verdejantes campinas, contrastando com a Esfinge do Egito que é a viga da imensidade do inclemente deserto.

Acolá repousa uma grande pedra, cuja forma lhe vale o nome de Pedra da Tartaruga.

Adiante, outro ciclópico arranjo de altos paredões, semelha uma cidadela antiga fortificada contra a invasão dos mouros.

Mais aquem, uma feliz disposição das pedras, mais ou menos com certa simetria e regularidade, lembra um magno palácio em ruinas, mas que conserva a pureza das majestosas linhas.

Um longo corredor, que se eleva do chão das campinas até o alto de uma plataforma, por entre numerosas colunas, parece uma escada que conduz a um suntuoso templo onde se veneram deuses estranhos, e cujo interior está repleto de pequenas lajes aredondadas, dando-nos a impressão de uma multidão de fiéis genuflexos, assistindo à celebração dos sagrados ritos.

Outro corredor desce uma forte rampa, entre grossas colunas partidas, e termina em uma gruta onde se teme entrar por um labirinto confuso — como experimentou Theseu auxiliado por Ariadne — mas que, para surpresa dos visitantes, mostra onde brota, do âmago das pedras, a água fresca e cristalina, a qual até os deuses pagãos não se recusariam a beber.

Sôbre enormes colunatas de pedras, cresce e derrama-se uma luxuriante vegetação salpicada de lindas e variadas flores, que as engalanam, dando-nos a visão dos Jardins Suspensos de uma nova Babilônia.

E, em tôdas estas belezas sem par, como se não bastasse a impressionante sublimidade das formas bizarras, ainda se observa uma perfeita sinfonia de côres pinceladas expontâneamente por um largo pincel que matizou as pedras e as rochas de tão seleto colorido, como se fôsse um Raphael que tivesse dado o final e primoroso retoque a estas tantas admiráveis coisas da natureza.

O indianismo na formação da raça e dos costumes brasileiros

Para "TAPEJARA" — Por Alerano de Barros — (Fortaleza, Ceará) — — — — — — — —

Sou um intransigente "indianista".

Para mim, a raça brasileira é mais uma formação luso-indiana. O africano, apesar da intimidade que durante a escravidão teve nos lares e nas famílias brasileiras, pouca influência exerceu (pelo menos no interior do Brasil) na formação da raça e dos usos e costumes brasileiros.

Está aí, os Estados Unidos tiveram, como nós, a escravidão.

Os negros e mulatos escravos subiram a 10 milhões (o dôbro quase dos escravos do Brasil); lá como aqui, escravinhas negras foram violentadas pelos seus senhoresinhos brancos; apesar disso, porém, a influência do negro na formação da raça anglo-americana é, sem contestação, absolutamente nula.

Mas, com os índios brasileiros, a sua influência é incontestável. Aldeados e catequizados pelos jesuítas, tornam-se aliados fiéis e constantes dos portugueses. São os índios de Araripóia, que, depois de a expedição de Mem de Sá ser repelida, assaltam e tomam as posições francesas do Rio de Janeiro. São os índios de Tibiriçá, que enfrentam a formidável confederação dos Tamoios. São os índios de Jaçaúna, que ajudam Jerônimo de Albuquerque a expulsar os franceses do Maranhão. Na guerra holandesa, pela primeira vez, aparecem os negros lutando ao lado dos portugueses. Mas, o contingente que traz o bravo e generoso Henrique Dias, para o general Matias de Albuquerque, não passa de sessenta homens. Depois, aumentou para 300 a 400 guerreiros, ao passo que o contingente índio, que chega ao acampamento do Bom Jesús é de 3.000 pessoas, homens e mulheres. Três vezes maior que os mil portugueses que combatem sob as ordens de Albuquerque. Tudo o peso da guerra holandesa cai sôbre os índios. São êles os guias das marchas, quem descobrem as aguadas, quem preparam as emboscadas traiçoeiras. Conhecedores práticos dos lugares, dominam e vencem os inimigos nas guerrilhas e nas escaramuças sem fim.

Na nomenclatura das palavras usadas no Brasil, são em pequeno número as africanas (Caxangá, Cazumba, Cafúné, Quiabo, Quibebe, Quizelá, etc., ao passo que passam de 3.000 os vocábulos de origem indígena: nomes de lagos, rios, montanhas, como de animais, vegetais e coisas domésticas). Basta dizer que, dos 21 estados do Brasil, 8 têm nomes índios: Pará, Piauí, Ceará, Pernambuco, Sergipe, Paraíba, Paraná e Goiás. Nossa literatura sofreu uma influência índia mais do que qualquer outro país da América. Obras primas de literatura brasileira, poemas, romances, versos, são inspirados em motivos índios, imortalizaram personagens indígenas (Peri, Guaraní, Iracema, Paraguaçú, Ubirajara, Moema). As origens afro-brasileiras são de difícil estudo, pois as famílias brasileiras se ofendem, quando são suspeitadas de uma origem africana, ao passo que os Arco Verde, Bom Jesús e de 3.000 pessoas, homens e mulheres. Três vezes maior que os mil portugueses que combatem sob as ordens de Albuquerque. Tudo o peso da guerra holandesa cai sôbre os índios. São êles os guias das marchas, quem descobrem as aguadas, quem preparam as emboscadas traiçoeiras. Conhecedores práticos dos lugares, dominam e vencem os inimigos nas guerrilhas e nas escaramuças sem fim.

Na nomenclatura das palavras usadas no Brasil, são em pequeno número as africanas (Caxangá, Cazumba, Cafúné, Quiabo, Quibebe, Quizelá, etc., ao passo que passam de 3.000 os vocábulos de origem indígena: nomes de lagos, rios, montanhas, como de animais, vegetais e coisas domésticas). Basta dizer que, dos 21 estados do Brasil, 8 têm nomes índios: Pará, Piauí, Ceará, Pernambuco, Sergipe, Paraíba, Paraná e Goiás. Nossa literatura sofreu uma influência índia mais do que qualquer outro país da América. Obras primas de literatura brasileira, poemas, romances, versos, são inspirados em motivos índios, imortalizaram personagens indígenas (Peri, Guaraní, Iracema, Paraguaçú, Ubirajara, Moema). As origens afro-brasileiras são de difícil estudo, pois as famílias brasileiras se ofendem, quando são suspeitadas de uma origem africana, ao passo que os Arco Verde, Bom Jesús, Ribeirão Dias, Garcia d'Avila se ufanam de seus antepassados índios. Outras famílias de origem reconhecidamente portuguesa, por patriotismo ou por achatamento bonito, adotam nomes índios de Airí, Ibiapina, Araripe, Sucupira, Moema, Iracema, Coema, Araci. Morais e outros mais.

Na mestiçagem da população brasileira, não há, como se supõe, predominância da raça negra. O que há é uma mistura de mamelucos, negros, cafusos e mulatos, onde prepondera o elemento índio (explica-se: o caboclo claro é confundido com o "branco", e o escuro passa a ser "mulato do cabelo bom", confundindo-se, por outro lado, o cafuso com o negro). Muitos dos senhores de engenho, que geraram filhos naturais, nas senzalas, eram mamelucos claros ou caboclos e não portugueses.

O resultado é isto: mestiços encorpados, de côr bronzeada, olhos pequenos, de pouca vivacidade, ávidos nos lucros desprendidos na economia (Afrânio Peixoto). Caracteristicos da raça índia. Singularmente brava ou rebelde, singularmente imprevidente. Quanto à música brasileira, penso que quase não sofreu a influência africana ou índia. É que êles não a tinham ainda muito desenvolvida. A nossa música, lânguida e triste, veio do "lado" português, rítmico e tristonho.

Outro ponto a discutir é o sensualismo das negras e mulatas, que passam por ser, além de sensuais, corruptoras. Polvos escravas que, depois de sofrerem a lascívia dos senhores, foram calunniadas! Gilberto Freyre defende as negras, "não são, diz êle, sensuais como se diz, as sensuais e corruptoras eram as índias, que andavam atrás dos estrangeiros.

Êrro manifesto; o sensualismo da nossa literatura e dos nossos usos e costumes, veio, como a música, diretamente de Portugal, sem interferência nem de negros nem de índios. É fácil de provar. Compare-se o relatório de Colombo, dando notícia da descoberta da América, com a carta de Pero Vaz Caminha, dando notícia do descobrimento do Brasil. O genovês diz que a terra é fértil, há notícias de ouro, a alimentação do povo é de uma raiz chamada YUCA, que tem um suco venenoso; a yuca exprimida perde o veneno e, raspada, dá uma farinha comestível. Há outra qualidade de yuca que não tem suco venenoso; Come-se apenas descascada. Colombo, tão minucioso com a mandioca, não tem uma palavra para a nudez das índias. O escrivão Caminha repara, logo, na nudez das índias, nudez sem vêus que cubram suas vergonhas, repete, repisa o assunto, a terra é muito fértil, diz êle; mas, o que está impressionado-o é aquela nudez sumária; o resto da descrição é resumido. O grande Camões não esquece na sua epopéia as descrições voluptuosas da Ilha dos Amores, dos episódios de Vênus e de Tétis.

Lembremo-nos, também, do desbocado e popular Bocage, que não era negro nem tampouco índio, e sim um legítimo português de Setúbal. Em vista disso, como negar o sensualismo português?

Fortaleza, 25 de outubro de 1951.

O Caboclo

Alberto Rangel

Trigueiro e pobre, arredio e letárgico na sua desestima, homem de submissão e da nostalgia, caboclo!

Caça, caçador e canoeiro. Lenhas, plantas, mariscas, almocrevas, colhe o mel, o sal, a borracha, o mates, o diamante e a ipeca, garimpas e peneias. O mato dá-te a botica: paracaríi para a asma, cabacinha e cipó-de-purga para "desistir", caapeva e gervão para o estômago, barbatimão cicatriza, japecanga para reumatismo, angico para o peito, japana para suar, casca-santa para tudo e o páu-pereira então?

Desaltera-te a sêde a água turva das cacimbas, até urina de bode e cipó mucuná. Para não te arear dias-de-ar horas e os rumos as estrelas e o sol. Varão combalido e sem prestígio, herói da obscuridade!

A terra desmorna-se, o sol fulmina, o rio inunda ou seca, a floresta empece, a febre reina, a praga atormenta e destrói e o indelével e chamboqueiro resiste. Seus inumeráveis empregos não lhe dão para vestir e comer: carvoeiro, vareiro ou zingador, gancheiro, erveteiro, faiscador, guaranazeiro, vaqueiro, campeiro, tangerino, bruaqueiro, balaieiro, malungo, seringueiro, melador, poiaieiro, salheiro, jacumá-uba, madeireiro, arpoador e vaqueiro, monjoleiro e carreiro. O bom Herbert Smith votaria por tua extermínação! Mas quanto préstimo o do desdenhado! Representas a serventia dos indispensáveis no domínio do árduo e do impossível. Varão desapercebido? Herói de cem mil batalhas de tôda hora!

Na chapada ou na ribeira, na sanga ou no igapó, no mato ou na capoeira, não te demovem os passos da onça, a jararaca e a tocandeira, a sêca e a itaipava, a peste e o desposoado. A rede e a franqueira ou lapeana, a enxada, a gaita, a viola, e o cavaquinho são os teus instrumentos de repouso, de vindita, de trabalho e de diversão. O Estado só te reconhece para o impôsto, o voto e o recrutamento. Filha legítimo de uma natureza singular, opulenta e madrasta, e engeitado dos teus mandoes e sangueseugas. Varão crédulo e destemido, herói descontado e imutável!

Sangram-te os mosquitos de todo porte, borrachudos e carapatos; persiguem-te os mamirondons e as pulgas penetrantes dos bichos-de-pé; maltratam-te os estrêpes e acúleos das veredas na floresta; desfrutam-te os fincões infecciosos e exanguem-te os vermes intestinais que geram a preguiça e dessoram o sangue; da maleita à ferida-braba tudo te ofende e consome; deprime-te a soalheira tórrida; enregelas-te na friagem sem uma malha de lã; teu xerimbabo pesteia; a roçaria prageja de lagartixa-rosada e curuqueris; evaporam-se as ipueiras e váis quase nú para a fazenda, a broca, o abôio, a tarrafeada, a sapeca no barbaquá, a varação da canôa, o bateio, a feira, a replanta, o "fabrico", o rodeio e a queimada. Animal de carga de que o ajúri é a única solidariedade cooperativa na canga. Varão e vítima de escorchamento e renunciante, herói e causa sôba.

Além de sobrio e reservado, quando não te bestializa o vício da aguardente ou da fêmea diligente, audacioso e treitento, acossas a suçuarana com um zarguncho, furas oh! caiçanguiero! no rasto da rez, derrompida, por dentro das espinheiras para rabejá-la; domas o bagual em três galopes; afrontas o mar grosso na jangada de três páus de piúba; vadeias o rio infestado de piranhas na pelota de couro; quebras a ponta do gado que disparou . . . Artista anônimo dos grandes feitos do passado, repulsaste piratas, bugres e jesuítas; fizeste-te suficientemente glorioso em Guararapes, em Taquarembó, em Tonilero, em Itororó. Não trepidaste varar o pantanal do Chaco, estivando-o a carandá; enfrentaste o Estado durante trinta anos; e se perdeste o Pirarára, louvado Deus! não foi por culpa tua. Nos quatro cantos da pátria te designa a vasta sinonímia que te caracteriza e confunde: caiçara, mambira, catuú, barranqueiro, tapiocano, paraoára, muruama, pioca, jáguinço, matuto, biriba, tabaréu, babaquara, gorutubano, capiáu, piraquara, catrumano, chapadeiro, guasca e caipira...

(Conclui na pág. 11)

Grupos sociais em contraste com grupos físicos

Prof. Donald Pierson
(Escola de Sociologia de São Paulo)

Para pensar acuradamente sôbre os grupos "primários" e "secundários", devemos fazer distinção nítida entre grupos sociais e grupos físicos. Os grupos sociais e os grupos físicos podem ser, mas não são necessàriamente, coincidentes. A sua natureza sempre difere.

Assim, um conjunto de pessoas que vivem em estreita proximidade física, ocupando uma mesma casa e relacionadas biologicamente pode constituir ao mesmo tempo um grupo físico e o grupo social a que chamamos de "família". O que torna, contudo, o grupo físico uma família, o que faz dêle um grupo social, não é necessàriamente a sua coexistência no espaço e no tempo, mas as **relações íntimas que ligam os membros**, aquêles laços constituídos pela comunhão de idéias, atitudes, sentimentos e pontos de vista.

O referido grupo físico deixa de ser um grupo social ou família, na medida que os indivíduos que o compõem deixam de compartilhar das mesmas idéias, dos mesmos sentimentos, das mesmas atitudes, dos mesmos pontos de vista. Um homem, e sua mulher e filhos podem, por exemplo, continuar a ocupar conjuntamente a mesma casa sem que se observe qualquer mudança nas suas relações físicas, sem qualquer mudança, em outras palavras, no grupo físico, ao mesmo tempo que atitudes e sentimentos antagônicos circomem a família (ou o grupo social), destruindo-a parcial ou inteiramente. O divórcio e o abandono do lar são "o reconhecimento físico" da sua desintegração social. Significam que, agora, as relações físicas vieram, pela migração, a corresponder mais estreitamente às relações sociais.

É difícil, dêste ponto de vista, compreender a organização de um "grupo primário" cujos membros estão grandemente separados no espaço. Tal grupo se forma quando, comunicando-se por meio de cartas, jornais, revistas, livros, telégrafo, rádio, telefone, etc. os seus membros vêm a desenvolver, ou continuam a compartilhar das mesmas atitudes, idéias, sentimentos e pontos de vista. Há mesmo "grupos primários" cujos membros estão separados não sòmente no espaço como no tempo, mesmo por séculos.

Quando falamos, pois, de "grupos primários", não pensamos em relações espaciais mas em relações sociológicas. Pensamos na teia de interconexões que ligam os indivíduos. Acentuamos não o grupo como grupo mas as relações dos seus membros. Como disse Ellsworth Faris, "A natureza do grupo primário não está nas suas partes mas na sua organização. Depende não da sua contiguidade espacial mas da sua interrelação funcional. Não podemos descrevê-lo nem pela enumeração estatística nem pela medição espacial. É alguma coisa mais do que os seus diversos elementos. Temos de considerar, além do espaço, também o tempo. O grupo primário não pode existir sem lembranças; não se conserva sem fins. É inadequada tôda descrição mecânica ou espacial. É uma organização mutável de atividades funcionais que tendem para um fim, influenciadas pelo seu passado e guiadas por êste fim e pelo seu futuro. Não é um mecanismo; é uma parte da própria vida".

Esta, a diferença entre os dois grupos.

Alberto Einstein, DOCTOR EN FILOSOFIA

Por M. A. RAUL VALLEJOS
(Professor Universitário)

(Einstein recibe un doctorado en Filosofía. Alberto Einstein, el hombre de ciencia de fama mundial, recibe un Doctorado Honorario en Filosofía en su casa de Princeton, Nueva Jersey, de manos del Dr. Israel S. Wechsler, que actuó en nombre de la Universidad Hebrea de Jerusalén. (INP). De una nota gráfica publicada en el diário "El Caribe", de Ciudad Trujillo, República Dominicana, Volumen II, número 81, Martes 22 de marzo de 1949, página 2).

Con el pensamiento relativista, se advierte ya en el campo de las ciencias físicas y naturales, un anhelo de encarar ciertos principios y ciertos problemas bajo una faz de evidente carácter filosófico. En este sentido, es preciso destacar que el ilustre autor de la Teoría de la Relatividad, revela un positivo criterio especulativo para interpretar muchas funciones y conceptos con que se presenta al investigador, la actividad del mundo material.

En primer lugar, A. Einstein, sometió a una crítica profunda, ciertos principios sostenidos por la física clásica, de estructura newtoniana, y de ello, pasó ulteriormente a la consideración del movimiento tal como lo entendía la genial mentalidad del profesor de la Universidad de Cambridge, Inglaterra, y aportó sus certeras conclusiones.

Por ello, se comprende necesariamente que el físico de la Relatividad, se consagró al estudio de los principios aceptados por la física clásica, y además, examinó la forma en que ellos eran aceptados por ese tipo de ciencias. Aparece entonces, un período de análisis de las formulaciones aceptadas por las mentalidades de Galileo y Sir Isaac Newton, y esto le permite afirmar que la obra consumada por los des célebres investigadores, es muy amplia y sólida. Se destaca en la obra de esos científicos, la presencia de un espíritu de observación sistemático, que les confiere apreciable validez a sus conclusiones.

Siguiendo el estudio de las principales concepciones físicas, Alberto Einstein examina con fino espíritu crítico, todo lo establecido por la mecánica newtoniana, y luego después de tal examen, se permitió presentar sus propias conclusiones. Y es allí, donde se revela como un científico especulativo, que vierte en sus consideraciones acerca del universo, muy sutiles matices filosóficos.

La obra de A. Einstein y las consecuencias que se desprenden de la misma, tienden a sostener una filosofía de las ciencias físicas. Es necesario manifestar que el distinguido profesor de la Universidad de Princeton, se destaca como un pensador especulativo en el estudio de los fenómenos de la naturaleza, que él observa bajo un criterio unificador. De esta suerte, a nuestro entender, existe en la Teoría de la Relatividad sustentada por Alberto Einstein, una filosofía de la naturaleza.

Primeramente, el mencionado profesor debió plantearse muchas cuestiones de carácter epistemológico y analizar con sentido euristico, los principios físicos ya consagrados. Su forma de razonar, conduce de esta suerte a sostener una filosofía relativista.

Al rechazar las ideas de espacio, tiempo y movimiento absolutos, encierra tan importantes funciones del universo, bajo un concepto relativo, que ha provocado provechosas especulaciones acerca de la estructura del espacio, tiempo y materia. Alberto Einstein considera primariamente un universo de cuatro dimensiones, que bajo la influencia de exigencias matemáticas, puede transformarse en un modelo de universo que registra hasta diez dimensiones.

Se concede entonces, un amplio margen a la especulación del pensamiento que se interesa por interpretar el papel de tales dimensiones en el universo y la significación que ellas adquieren ante la mentalidad del matemático y del geómetra. Existe ya la convenientcia de afirmar que ese modelo de universo, tiene su propia lógica de acuerdo con el pensamiento de B. Riemann.

La negación de un movimiento absoluto en cualesquiera sistema del universo, es una de las más trascendentales conquistas del ideario del relatividad y constituye el fundamento basico de la denominada Relatividad Restringida o Especial, publicada por el ano 1905. Allí se revela, netamente, la fuerza del análisis exhaustivo, realizado acerca del problema del movimiento absoluto newtoniano.

De esta manera, la relatividad de todo movimiento provoca una fecunda interpretación en la mentalidad de Alberto Einstein, que sabe establecer sólidamente las nociones esenciales de su precitada relatividad. Al negar la existencia de todo movimiento absoluto, sólo es dable comprobar por intermedio de recursos físicos la existencia del movimiento relativo que aparece en un determinado sistema.

Sobre este vital aspecto de la relatividad, filosofo agudamente el renombrado físico, destacando la existencia del movimiento relativo en nuestro universo, debido a que, pese a todas las investigaciones, no es posible aceptar, en la naturaleza, el movimiento absoluto.

Con toda certeza, Einstein estudió la definición del movimiento absoluto sostenido por la física newtoniana, y demostró la ausencia de fundamentos realmente exactos. Todo movimiento por su misma condición tiene que ser considerado en un sistema concreto, y ser referido a un determinado marco, sea éste un cuerpo, o bien, un objeto. Esto ha sido expuesto muy sagazmente por el ilustre profesor de la Universidad de Princeton y termina así por impugnar los principios de espacio, tiempo y movimiento absolutos del eminente físico inglés Sir Isaac Newton.

En este aspecto de su labor, es donde Alberto Einstein demuestra certeramente la significación de su mentalidad filosófica y despierta vivamente el interés de los estudiosos de estos problemas, al demonstrar la inexistencia de toda traslación absoluta. Por ello, la relatividad del movimiento nos lleva a la aceptación de que toda movilidad se efectúa en un determinado sistema de referéncia, donde su constatación física resulta de la situación física del mismo sistema, frente a un objeto. De tal suerte, el sistema considerado obliga a interpretar el movimiento mismo, de sus específicas condiciones de la estructura espacio-tiempo. Por ello, el movimiento relativo es examinado, constituyendo su propio sistema, donde ese sistema tiene sus inseparables condiciones físicas.

En este aspecto de la relatividad del movimiento, tanto física como epistemológicamente, se advierte la base filosófica, donde se asienta el fundamento motriz y gestor de la Teoría Restringida de la Relatividad, aparecida por el ano 1905. Es indudable que ello ha surgido ante la necesidad de comprobar la existencia o no del movimiento absoluto en el cosmos material. Todo movimiento uniforme, o acelerado, tiene, frente a la inteligencia einsteiniana, sus propias características físicas, dentro del sistema de referencia elegido.

Además, todo tipo o clase de movimiento es constatable con respecto a algún objeto o sistema en reposo. Ahora bien, el mismo concepto de sistema en reposo resulta un concepto relativo, puesto que sabemos que la tierra y todo el conjunto solar, se traslada por el espacio cósmico. Todo ello, implica reconocer la relatividad inevitable de los principios que se obtienen al estudiar el movimiento uniforme o acelerado dentro del marco de nuestro universo.

Santa Fé (Argentina), agosto 7 de 1949.

Liberdade de Conciencia

(Para el Periódico TAPEJARA) — Por Julio Anselmo Rica (Professor Universitario)

El ser humano tiene derechos inalienables e inviolables: **Su libre pensar, y su derecho natural de juzgar a los demas por su propia conciencia.**

Leyes arbitrarias y gobiernos despóticos han procurado e insisten en cercenar las libertades físicas de las personas para poder llegar a controlar la personalidad psíquica, y con ello, vigilar el pensamiento y regimentar la conciencia individual, pero no han podido, ni aún utilizando las más crueles torturas. Podrán si convertir en piltrafas humanas, hacer esclavos, serviles, idiotas y semi-autómatas que obedezcan al látigo cual si fueran un rebaño. Podrán confiscar el patrimônio de los bienes, alejar de sus seres queridos, privar de alimentos, desposeer del goce natural o del que la evolución social produjo para el bienestar y satisfación del ser humano, pueden encarcelar y quitar la vida. Pero lo que nunca podrán es retrogradar-lo a la condición de animal, porque no pueden controlar el pensamiento, que por divina naturaleza posee el humano, esencial cualidad que nos distingue del irracional, y siempre está latente en cada uno de nosotros.

Ante la injusticia, la angustia o el dolor, en vez de decaer la conciencia, se fortalece, se agiganta y brilla con mayores fulgores hasta llegar a fulminar a sus propios verdugos.

El pensamiento y la conciencia están más allá de la vida y de la muerte, más allá del tiempo y del espacio. La historia de los miles de héroes y mártires nos repiten a gritos esta elocuente verdad.

Todos los tiranos y verdugos del mundo no podrán contra una sola conciencia que piense libremente.

Entonces, respetemos toda personalidad, honremos la conciencia ajena y la libertad de pensar. Atributos que el Absoluto "Dios" puso como esencia inviolable en cada uno, y así, cumpliremos el sagrado designio de "Amaos los unos a los otros".

La Plata, 26 de Diciembre de 1951.

O Marquês de Pombal tinha uma avó índia

(UMA PAGINA DE AFONSO ARINOS).

Se se verificou a inclinação amorosa do europeu para com a mulher indígena, a apaixonada dedicação desta pelo branco deixou na poesia o tocante episódio da morte de Moema, quando, perdida de amor, seguia a nado a esteira da nau francesa que conduzia para a Europa Diogo Alvares.

Eis a última apóstrofe da cabocla no prófugo e cruel amante, nos versos de Santa Rita Durão:

Enfim, tens coração de vêr-me aflita,
Flutuar moribunda entre estas ondas?
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sómente com que aos meus respondas?
Bárbaro, se esta fé teu peito irrita,
(Disse, vendo-o fugir), ah, não te escondas!
Dispara sobre mim teu cruel raio...
E, indo dizer o mais, cai num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a côr, o aspéto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas, desce ao fundo:
Mas, na onda do mar que irado freme,
Tornando a aparecer desde o profundo,
— Ah! Diogo cruel! — disse com mágua,
E, sem mais vista ser, sorveu-se nágua.

A Moema, de "Caramurú", como a Lindóia, do "Uruguai", de Basílio da Gama, são ficções poéticas, mas é verdade que numerosíssimos índios brasileiros foram levados à terra de França, principalmente à Normandia, cujos armadores faziam ativo comércio com o Brasil. Ferdinand Dénis, o grande amigo do Brasil, deu à estampa, entre suas obras sôbre o nosso país, a narrativa, tirada de uma crônica da época, de uma festa brasileira em Ruão, no reinado de Henrique II e Catarina de Médicis, por ocasião da visita dêste rei à capital da Normandia.

O amor fazia assim a obra sem a qual a nossa pátria não podia existir: a criação de uma raça, ou sub-raça. A terra brasileira, desconfiada e hostil, só se revelou perfeitamente ao filho do seu próprio solo ou a quem se apadrinhasse com êle para devassar-lhe os arcanos.

Mais tarde, o sangue esbrazeado do caboclo circulava nas veias de muita família fidalga, como em Portugal, a riquíssima casa da Tôrre; Pombal, o poderoso Pombal, TINHA ENTRE OS AVÓS UMA ÍNDIA PURA; duques espanhóis não se dedignavam de descender de peles-vermelhas e uma família aristocrática da Normandia filiava-se num caboclo brasileiro.

Apoiadas no índio, guiadas por êle, que foi o falcoeiro carregando no punho a ave de rapina para a caçada do Milhão, as "entradas" e as bandeiras começaram e prosseguiram a obra de irradiação e de conquista do Brasil.

(Afonso Arinos — "Lendas e Tradições Brasileiras", páginas 69 a 71, Edição Briguiet, 1937).

Grafia dos nomes próprios personativos

Pelo Snr. Prof. José de Sá Nunes (Rio de Janeiro)

Magna questão essa dos antropónimos ante as normas da nova ortografia simplificada. Faz oito dias que recebi de um oficial do registro civil de minha terra natal (Bahia) duas consultas acerca da maneira de grafar certos nomes que alguns pais ou alguém por êles querem dar aos filhos ou recém-nados, nomes que vão de encontro às regras ortográficas oficiais, e mais uma sôbre a significação do termo "prenome". Pede-me o oficial do registro civil lhe eu dê resposta "filológica e jurídica", autorizando-o a publicá-la.

Meditei muito êste assunto, não obstante já haver tratado, por várias vezes, de casos análogos, sendo publicados os meus pareceres no "Brasil-Portugal", no "Jornal do Comércio" e na "Revista Forense". Meditei muito porque o sr. Desembargador Corregedor Guilherme Estelita expediu circulares aos serventuários da Justiça, em geral, recomendando-lhes, entre outras coisas, que o nome da pessoa a quem outra dê o próprio nome seja escrito como o escreve o dador.

Respeitador, como ninguém, das ordens emanadas de autoridades judiciárias, tive escrúpulo de aconselhar ao oficial do registro civil supramencionado outro procedimento, que poderia causar-lhe sérios embaraços. Entretanto, com a devida vênia e com o máximo respeito à supradita autoridade, sou forçado pela minha consciência jurídica a opôr embargos àquela ordem. Não aconselho ao dito oficial nem a nenhum outro que se oponham à ordem superior; porém a mim, na qualidade não só de jurista, senão também de filólogo, creio que me assiste o direito constitucional de manifestar a minha opinião à êsse respeito, opinião que por diversas vezes tenho publicado em artigos, alguns dos quais foram reproduzidos num livro do egrégio advogado Dr. Octávio Monteiro da Silva.

Nunca desfito os dilnos dêste princípio dominante: "Ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei." (Constituição Federal, art. 141, § 2º.). Ora, a lei determina que "os nomes próprios personativos..., quando portugueses ou aportuguesados, ficam sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns". ("Instruções" aprovadas em 2 de Outubro de 1945 na Conferência Interacadêmica de Lisboa e pelo art. 2º, do decreto-lei nº. 8.286, de 5 de Dezembro de 1945.) Logo, ninguém pode, legalmente, deixar de fazer o que a lei preceituou a lei. Se essas "Instruções" ainda não estão em vigor, vigendo estão as de 1943, que estatuem o mesmo preceito no cap. XI, nº. 39.

Verdade é que, "para ressalva de direitos, poderá ser mantida a grafia dos nomes próprios adotada pelos seus possuidores na assinatura" ("Instruções" nº. 39); mas aí se trata de direito adquirido: os possuidores dos nomes usavam-nos antes de a lei entrar em vigor. Essa é a liberdade que a lei lhes confere. Porém êles não têm a liberdade (quanto mais o direito!) de fazer com que tal grafia seja imposta a seus filhos, que nasceram quando vigia a lei. Fora da lei não há liberdade, e ninguém adquire direito contra a lei. Os que nasceram ou nascerem durante a vigência da lei estão e estarão sujeitos aos ditames dessa lei. Por consequência, o nome que um pai der a seu filho, depois que a lei entrou em vigor, terá de ser escrito consoante as regras estatuídas nas referidas "Instruções", e não como o escreve aquele que o der.

Êste é o princípio geral a que todos temos de obedecer, visto que o decreto-lei nº. 8.286 revogou as disposições contrárias aos preceitos da ortografia oriunda do Acôrdo de 1945.

Em Setembro de 1947 o sr. desembargador Nelson Hungria, então Corregedor, hoje Ministro do Supremo Tribunal Federal, expediu a circular nº. 127 aos oficiais do registro civil, recomendando-lhes fiel observância do que decidiu a Terceira Câmara Cível do Tribunal de Justiça em acôrdão de 22 de Maio de 1945, cuja emenda assim reza: "O registro dos nomes próprios tem que obedecer em sua grafia às regras do "Formulário" oficial, observadas no "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" e nas "Instruções" que o precedem."

Foi o caso que o dr. Plínio Afonso de Farias Melo pretendeu dar a seu filho recém-nascido o nome do avô dêste — "Manoel Affonso" —, assim grafado. Negou-se o oficial do registro a atendê-lo. Levado o fato ao conhecimento do juiz competente, êste julgou procedente a impugnação. Houve recurso para a Terceira Câmara Cível (apelação cível nº. 6.021), que manteve a impugnação do oficial. Interpôs-se recurso extraordinário. O Supremo Tribunal Federal, embora julgando que o caso não era de recurso extraordinário, manifestou-se pelo voto do Sr. Ministro Castro Nunes, que transcrevo: "Não existe dispositivo de lei assegurando o direito de registrar o recém-nascido com o nome grafado à antiga. O que existe é o direito de fazê-lo quem já o tivesse ao tempo da nova preceituação legal, para direito adquirido que se lhe reconheceu." Adiante afirmou: "Êsse entendimento encontra agora melhor assento no Acôrdo aprovado a título definitivo pelo recente decreto-lei nº. 8.286, de 5 de Dezembro de 1945, onde se declara que, para ressalva do direito, cada qual poderá manter a escrita que, por costume, adoptá na assinatura do seu nome", o que mostrou que êsse direito não existe para o registrando, mas sòmente para o possuidor de nome grafado à antiga e que deseja conservar a mesma grafia." E, finalmente: "Não encontro base para o recurso extraordinário, uma vez que as leis vigentes ao tempo do pretendido registro, como ainda agora. **Não conferem ao pai o direito de registrar um recém-nascido sem observância das normas do acôrdo ortográfico**, isto é, com a grafia tradicional." (Acórdão de 27 de Junho de 1946.)

Escrevendo no "Jornal do Comércio" acerca da circular nº. 127, disse eu estas palavras, que reitero com satisfação: "Se alguém merece louvado por haver cumprido o seu dever, louvemos o Sr. Desembargador Nelson Hungria e a Terceira Câmara, que outra coisa não fizeram senão obedecer à Lei Suprema da República: "Ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei."

A Terceira Câmara Cível determinou aos oficiais do registro civil que não escrevessem o nome "Afonso" com dois "f", porque a lei ordena que se grafe com um só "f". Assim deve ser e assim será. Registrar um recém-nascido com o nome de seu pai, escrito à antiga, como fêz ver o Sr. Ministro Castro Nunes, é ir de encontro à lei. O pai do recém-nascido é que tem o direito de grafar o seu nome como está habituado a fazê-lo; mas, perante a lei, não deve e não pode exigir que se registre seu filho com o nome escrito na ortografia anterior à legal. O oficial do registro civil que proceder como aquele que se negou a registrar o recém-nascido com o nome escrito à maneira antiga, — "Manoel Affonso" —, estará cumprindo o seu dever e amparado pela lei, pelos juízes e pelos tribunais. Não lhe regatearei louvores à consciência jurídica do País.

Quando o Sr. Desembargador Nelson Hungria expediu a circular nº. 127, insurgiu-se contra êsse acto legal um dos mais conceituados advogados do nosso foro, o Sr. Dr. Octávio Monteiro da Silva, com o qual mantive uma como polêmica pela Imprensa; agora é um dos juristas mais apagados e mais modestos que se insurge contra a circular de 14 de Julho dêste ano de 1951, expedida pelo Sr. Desembargador Corregedor Guilherme Estelita, mas insurge-se ou reage contra ela sòmente quanto à determinação aos serventuários da Justiça de escreverem os nomes dos recém-nascido da mesma forma por que o fizerem os pais ou os responsáveis que lhos derem, em sendo essa forma contrária à ortografia de 1945. As demais determinações da referida circular são merecedoras de todos os aplausos, excepto a que nulifica a circular nº. 127.

Afigura-se-me que a nupérrima circular, relativamente ao ponto controvertido, irá causar verdadeira balbúrdia, visto que determina uma observância inteiramente contrária à letra e ao espírito da norma estatuída pelo Acôrdo Ortográfico aprovado pelo decreto-lei nº. 8.286. Se essa norma permite a manutenção da grafia dos nomes próprios adoptada pelos seus possuidores na assinatura, é porque lhes reconhece o direito adquirido; mas os recém-nascidos não têm êsse direito. Insta considerar que o princípio dominante do Acôrdo Ortográfico é a uniformidade gráfica: "Não se consentem grafias duplas ou facultativas. Cada palavra da língua portuguesa terá uma grafia única." Se se permite que os nomes dos filhos tenham a mesma grafia dos de seus pais, quando contrária às normas legais, nunca se chegará ao desiderato colimado por aquele princípio. O intuito do Acôrdo Ortográfico não se realizará nem depois que desaparecerem da face da Terra os pais que são portadores de nomes escritos à antiga, isto é, escritos de conformidade com a grafia mista: com "y", "ph", "th", letras dobradas, etc. Mas os meninos de hoje serão os homens de amanhã, e eu creio que daqui a um quarto de século não haverá um só que tolere em seu nome outra grafia senão a legal, porque êles se incumbirão de fazer valer os princípios estabelecidos na Conferência Internacional Luso-Brasileira de 1945.

Aí fica a resposta que me cumpre dar ao oficial do registro civil de minha terra natal acerca da grafia dos nomes dos recém-nados.

A FILOSOFIA ANTE A CRISE DO MUNDO MODERNO

(Discurso pronunciado por ocasião da posse do autor como sócio efetivo da "Sociedade Brasileira de Filosofia", (Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1951).

DR. MARIO LINS
(Rio de Janeiro)

Tenho a honra de ser empossado hoje como sócio efetivo desta Sociedade de Filosofia, cujas atividades de há muito venho acompanhando. Agora, graças à feliz iniciativa do nosso devotado consócio Dr. Hermes Rangel, que vem de me saudar com palavras tão generosas, me foi possível ingressar nesta Associação de tão elevados representantes do espírito filosófico brasileiro.

Esta Sociedade, fundada em 1927 por um pequeno grupo de estudiosos da filosofia, tem uma relevante função a cumprir, no que concerne à vitalização do espírito filosófico entre nós.

Nenhuma nação é verdadeiramente grande onde não se desenvolva o pensamento puro, que é a fôrça constritora do seu destino. Dêsse pensamento criador é que se desenvolve a técnica capaz de forjar as condições do engrandecimento material.

A muitos, porém, êsse pensamento puro parece ser simples diletantismo. Quando no século passado, com Lobatchewsky e Riemann, foram lançadas as bases da geometria não-euclidiana, a muitos na época isso pareceu puro sonho de algebrista, divagando sôbre o irreal. E essa situação perdurou até que, tempos após, o gênio de Einstein veio mostrar que, exatamente sôbre uma dessas geometrias, a de Riemann, era possível construir uma nova concepção do universo, muito mais coerente e racional que a existente até então, a qual tornou viável o desenvolvimento da física dos nossos dias.

O problema da relação entre (a) o espírito, como pensamento criador e (b) as condições concreto-empíricas não pode ser resolvido por um simples critério de redução de um a outro dêsses fatores, pois, o que há é uma interdependência de atuação recíproca.

É o que foi bem apreciado por Sombart quando, ao estudar o desenvolvimento do capitalismo moderno, mostra que, se por um lado, as idéias filosóficas e religiosas de uma época podem exercer influência sôbre as formas da organização econômica, por outro lado, vemos que um "sistema criado pelo homem adquire, a um certo instante, uma vida própria e começa a manifestar sua atividade de uma maneira quase autônoma, sem a intervenção humana, algumas vezes mesmo até de encontro a essa intervenção".

As atividades humanas processam-se sempre diante de situações problemáticas, que procuramos superar. A vida é uma constante tensão entre (a) essas atividades e (b) a situação contextual na qual elas teem de operar. Se, entretanto, em certas épocas, essa tensão manifesta-se de forma inapercebida, noutras dela toma um aspecto mais visível, fazendo surgir uma crise.

No mundo moderno estamos diante de uma dessas crises que tem, como um dos seus principais fundamentos, a desconexão entre a nossa estrutura lógico-conceitual e a realidade concreto-empírica que essa estrutura procura aprisionar.

Os recentes avanços da física atômica, que vieram aumentar extraordinàriamente a técnica de controle sôbre os fatores físicos, não foi acompanhada do desenvolvimento de uma técnica adequada de contrôle sôbre as fôrças sociais, que se acham caóticas e desordenadas.

Ninguém melhor que Manheim fêz sentir o perigo dessa situação que, se não for superada, poderá destruir os nossos valores fundamentais. Para a superação dessa crise voltam-se os mais vigorosos espíritos do nosso tempo, os quais, procurando analisar detidamente os seus fatores determinantes, buscam desenvolver a técnica que nos possibilite dominar a crise existente,

(Cont. na pág. 11)

La Capacidad Cultural y los Indigenas

CONFERENCIA LEIDA POR EL DIRECTOR DEL I. C. A., PROF. F. P. LABOMBARDA, EN EL ACTO DEL DIA 6 DE DICIEMBRE DE 1951

Por el Ing. JUAN LUNA CARDENAS — Presidente de la Academia de la Lengua Azteka! y que fue Asesor Técnico de la Delegación de México al Congreso Indigenista de Patzcuaro, Mich.

LA LEJANA ISLA DE LOS MONOS

Cuando Europa recibió con asombro la noticia del descubrimiento de América, y se supuso que estaba poblada; la mayor parte de aquella Europa que miraba las cosas al través del cristal empanado de su marasmo supersticioso medio-eval, se resistió a creer que los seres que poblaban América eran HOMBRES, por ello Brinton los describió como monos o cuadrumanos irracionales. Mas algunas inteligencias de la época, más liberales y avanzadas, les admitieron la condición somática de hombres; pero les negaron la racionalidad y las facultades intelectuales. Esto ocurría allá, en aquella época en que la mente europea se hallaba bajo la confusión que produce el paso brusco de la obscuridad a la luz intensa, cuya cegazón les hizo ver una lejana isla poblada por monos.

EL OBSEQUIO DE LAS HADAS

Sin embargo, aquella irracionalidad de los pobladores de América desapareció cuando la plumbienhechora de Paulo III por gracia especial les concedió la racionalidad y las facultades intelectuales.

Desde entonces, fueron los indígenas americanos admitidos en algunas actividades de la inteligencia.

HOY COMO AYER

Dos tendencias han sido estas que se han discutido desde la dominación espanla y se discutem aún.

Mientras un grupo de gentes niega todo derecho para ocuparse del aspecto importante de la adquisición de las ciencias; otro grupo ha reconocido su amplia capacidad para abordar com éxito el estudio de las Humanidades, de la Linguística, las matemáticas, etc.

Un hecho sí es fundamental, que el primer grupo fue durante la colonia y sigue siendo actualmente el grupo enemigo del indígena, que desea su eciterminio físico-moral y mental, para lo cual se sirve de teorías prejuiciosas adecuadas a sus fines.

El otro grupo, si no representa en forma franca un grupo de amigos del indígena, sí representa el grupo de gentes que tienen la razón abierta a los hechos reales y que no están obsecados por prejuicios de dominación y exterminio.

Si analizamos aunque sea someramente el desarrollo histórico de estas dos tendencias, veremos que, por ejemplo, desde la colonia se atacaba al indígena negando el derecho de penetrar al claustro de la ciencia bajo dos pretextos.

a) incapacidad mental para el estudio

b) admitiendole la capacidad y habilidad mental, exhibían el pretexto de que su dedicación a los estudios superiores eran prejudiciales para el indígena mismo y especialmente para el dominio de Espana y del Alma y Espíritu Hispano que se proponen conservar en México. Por ello, un prominente hombre de la colonia (Nueva Espana) Jerónimo López escribía paladinamente a Carlos I de Espana acerca de la educación de los indígenas "La doctrina es buena, es que la sepan; **pero leer y escribir** muy dañoso como el diablo" (1541).

De este caso, hasta la fecha, hay toda clase de necias oposiciones para que el indígena cultive las ciencias, como lo demuestran las frases del profesor Angel Corro, que tantas veces oímos en el Departamento de Asuntos Indígenas, "el indígena no debe estudiar, debe labrar los campos" o como aquella serie de artículos que publico en el Universal y Excelsior entre los cuales el más notable es el que se refiere a **"Los Indices de Inferioridad del Indio"**; es inferior porque habla su lengua, porque viste con su traje típico, etc. etc. según el criterio del referido profesor, pero especialmente por su escasa mentalidad.

Si tal cosa fuera verdad, seguramente, más que todas las calumnias, más que todas las palabras, los hechos hubieran sido los encargados de confirmarlo y nada tendríamos que decir en el presente; mas es el caso que los hechos fueron el más potente mentís a esta forma absurda y casi microbiana de ver la vida de los indígenas.

Los hechos fueron los que desde el tiempo de la colonia pudieron hacer decir al Virrey Mendoza cuando salía para el Perú en 1550, las siguientes palabras en su testamento político: "En esta ciudad en la parte de Tatelulco hay un colegio de indios, en que se crían cristianamente y se les enseñan buenas letras y ellos han probado harto en ellas... V. Sa los favorezca, pues S. M. le envía principalmente para el bien general y particular destas gentes, porque **es gran gente de los que los quieren hacer incapaces para todas letras ni para lo demás que se puede conceder a otro cualquier hombre.**"

El padre Sahagún en 1590 decía: "Los espanoles y los otros religiosos que supieron esto (la fundación del Colegio de Tlalteloilko), reíanse mucho y hacían burla, teniendo muy por averiguado que nadie sería poderoso para enseñar gramática a gente tan inhábil; pero trabajando con ellos, dos o tres anos, vinieron a entender todas las materias del arte de la Gramática, hablar latín y aún hacer versos heróicos...".

"Fue tal su elegancia en la lengua latina que muchos de ellos fueron considerados oradores de la talla de Tertuliano, de Cicerón y Horacio, y fueron seleccionados para enseñar latín a los mismos espanoles:

"alumnos aventajadísimos que no solo llegaron a ocupar cátedras en el colegio, sino que sirvieron también para enseñar a religiosos jovenes, supliendo la falta que había de lectores, por hallarse los religiosos ancianos ocupados en el cuidado espiritual de los indios. Y como estos no recibían entonces el hábito, dedúcese que los oyentes eran forzosamente espanoles o criollos y que la raza indígena daba maestros a los conquistadores sin despertar celos en ella. (García Icazbalceta La Instrucción Pública en México durante el siglo XVI en Obras Vol. I pag. 181).

LA CARAVANA OLVIDADA

Una verdadera legión de hombres de alta cultura; desde la época Pre-cortesiana, saltando sobre la tenebrosa época colonial, imponiendo su talento en las ciencias, la filología, las matemáticas y llegando en línea recta hasta nuestro tiempo, es el conjunto de sabios Aztekah, forman una caravana interminable... pero que se empenan en tenerla olvidada:

Akualzal Metztli (Ignacio Akual Metztli)

Pablo nazereno verdadero autor de la Breve y Sumaria Relación de Zurita.

Alvarado Tezozomok Verdadero autor de la Historia de Acosta.

Martín Jacobita Verdadero autor del vocabulario trilingue de Sahagún.

Antonio Valeriano

Pedro Juan Antonio que por su talento provilegiado fue en 1568 a la Universidad de Salamanca Licenciandose en Derecho Civil y Canónigo, en 1574 publicó en Barcelona su Arte de la Lengua Latina.

Antonio Elejos Autor en latín Homilia sobre los evangelicos de todo el ano y Doctrina cristiana de la Lengua Prima.

Martín Exicio, Gregorio de Medina, Antonio namirez, Bernardino Jerónimo, Joaquín Josef de la Castaneda, Mateo Sánchez, Bonifacio Maximiliano, grandes maestros de humanidades.

Martín de la Cruz (1552) autor de la notable obra sobre yerbas medicinales, escrita originalmente en Aztekah.

Juan Badiano, que tradujo la obra anterior al latín — Munoz Camargo, Alba Ixtlilxochitl, Faustino Chimalpopoka, Ignacio Ramirez e Trinidad Falme.

Hasta terminar en la presente con notables hombres de ciencia entre los que contamos a médicos como Zenón Luna, a matemáticos e ingenieros como Estanislao Ramirez, Augusto Tellez; y solo nos hemos atrevido a listar a unos cuantos del tiempo pasado y presente, no por hacer menos a los que faltan, sino porque su número es tan grande que forma lista casi interminable.

Um anacronismo de Castro Alves

RAUL GOMES — **Especial para "TAPEJARA"** — (Curitiba)

VOZES DA AFRICA e NAVIO NEGREIRO representam, na obra do grandíssimo Castro Alves, consoante valiosas opiniões, os dois mais poderosos poemas de nosso idioma.

Sentimos, de fato, vigoroso estro, dentro numa roupagem colorida de arrojadas e até insolentes metáforas.

Passou despercebido até aqui, segundo me parece, um pormenor sôbre o assunto daquelas imortais produções do poeta máximo do Brasil.

Refiro-me ao anacronismo de seu tema comum.

Trata êste, não da escravidão, porém, do tráfico de africanos. Ora essa fonte daquele mal social se achava estancada desde 1851, pela lei Eusebio de Queiroz. Constituem os dois uma sequência de quadros e inspiração.

No VOZES DA AFRICA traz-nos o prodigioso bardo ao campo da conciência o cenário onde começa a tremenda tragédia. Personaliza o continente amaldiçoado, mostrando-nos a amargura do seu indazível padecimento, sob o estígma degradante dos grilhões do cativeiro.

Trata-se de belíssima exemplificação de prosopopéa.

É a figurante absoluta, usando uma linguagem épica, a terra mártir, vítima de iniquidade.

Invocando Deus, apostrofa-o cheio de desespêro!

"Deus! ó Deus! onde estás que não responde?

Em que mundo, em que estrêla tu t'escondes
Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?"

E então profere profundo gemido, expressão de tocante queixa da aparente injustiça do tratamento divino para com a filha proscrita:

"Qual Prometeu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
Infinito galé!...
Por abutre-me deste o sol ardente!
E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...".

"O cavalo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
E morre no areal.
Minha garupa sangra, e dor pareja,
Quando o chicote do simoun dardeja
O teu braço eternal."

Depois compara a sua com a situação privilegiada de suas colmãs, Asia e Europa.

Aquela "dorme nas sombras voluptuosas dos harens do Sultão, ou no dorso dos brancos elefantes embala-se coberta de brilhantes nas plagas do Indostão."

Quando à Europa

"... é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e corteza.
Artista — corta o marmor de Carrara;
Poetiza — tange os hinos de Ferrara,
No glorioso afan!..."

"Sempre a láurea lhe cabe no litígio...
Ora uma c'roa, ora o barrete frígio
Enfiaro-lhe a cervia,
O Universo após ela — o doudo amante
Segue cativo o passo delirante
Da grande meretriz."

E retoma o seu tema de imprecação e tortura:

"Mas eu Senhor!... Eu triste, abandonada
Em meio dos desertos desgarrada,
Perdida marcho em vão!
Si choro... bebe o pranto a area ardente!
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão!"

Evoca os primórdios ou a gênese de seu pungente drama:

"Foi depois do dilúvio... Um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante.
Descia o Ararat.
E eu disse ao peregrino fulminado:
"Cham!... serás meu espôso bem amado...
Serei tua Eloá..."

"Desde êsse dia o vento da desgraça
Por meus cabelos, ululando passa
O anátema cruel."
Consigna adiante a decadência egípcia:
"Vi a ciencia desertar o Egito...

(Cont. na página 9)

Aspetos Geopolíticos do Paraná

Resumo da palestra realizada pelo exmo. snr. General Mário Travassos, a 28 de agôsto, no Salão Nobre da Associação Industrial, Comercial e Rural de Ponta Grossa, sob os auspícios do Centro Cultural "Euclides da Cunha".

Mário Travassos

(Sócio correspondente do Centro Cultural "Euclides da Cunha").

Aproveito-me da oportunidade de ter vindo a Guarapuava, por fôrça de encargos profissionais, para desobrigar-me de antigo compromisso, qual o de realizar essa palestra.

Desejo que, apezar da indumentária com que me apresento, sejam todos os meus conceitos atribuidos exclusivamente a mim próprio, sem qualquer ligação, portanto, com as minhas atividades profissionais. Em verdade, êsse trabalho resulta do grande apêço em que tenho a gente e a terra do Paraná, que pude sentir de perto durante mais de dois anos.

De vez que vamos apreciar certos fátos geográficos, parece conveniente prévio entendimento sôbre a conceituação em que êles se fundamentam, para que se processe melhor e recíproca compreensão entre nós.

Essa conceituação se refere ao Espaço e à Posição — fatores essenciais em que assentam os fatos geográficos.

O Espaço geográfico contém fatos ligados pròpriamente ao sólo e, assim, relacionados com a **morfologia, o clima** (em parte), a **flóra** e a **fauna, os gêneros de vida** e o sub-sólo, em suas ações de causa e efeito. Dêsse modo, o Espaço engloba como que o sentido absoluto dos fatos geográficos respeito a aspétos humanos e sociais.

A Posição geográfica, ao contrário, é que empresta sentido relativo à manifestação dos fátos geográficos. É pela Posição (longitude e latitude) que êsses fátos adquirem, por assim dizer, mais ampla significação por que referidos a condições geográficas de ordem mais geral.

Dêsse modo, o Espaço reflete, essencialmente, o sentido humano e social dos fátos geográficos por isso que estabelece o ciclo de sua manifestação (fatores morfo-climato-botânicos e gêneros de vida) ao passo que a Posição incide, preferencialmente, sôbre o seu sentido econômico e político.

Essa discriminação não implica, evidentemente, em conceitos opostos. A consideração do Espaço (área em que se apreciam os fatos) e da Posição deve amalgamar as circunstâncias geográficas, em seu conjunto. O que na realidade se passa é a maior ou menor importância momentânea, de um ou outro dêsses fatores, segundo o ângulo sob que se apreciem os fátos geográficos.

É fóra de dúvida que o predomínio das questões ligadas aos Espaços nos conduz a fazer Geografia Humana, Social ou qualquer outra geografia espacial. A partir do momento em que se leva em conta a Posição começa-se a fazer Geografia Política. Finalmente, se o Espaço e a Posição são considerados em têrmos de interpretação entra-se a fazer Geopolítica.

No trato dos aspétos geopolíticos do Paraná, em consequência, lançaremos mão, simultânea e indiscriminadamente, de circunstâncias a um tempo ligadas ao Espaço e à Posição.

Devemos, entretanto, advertir os que nos ouvem dos perigos que rondam sempre os estudos géo-políticos, manifestamente versáteis por que interpretativos.

O próprio material cartográfico de que se dispõe, ou intencionalmente se utiliza, pode conduzir a tremendas refrações das idéias, por mais judiciosas, inclusive pelas ilusões gráficas decorrentes até do sistema de projeção em que se apresenta êsse material. Ilusões dêsse tipo é que levaram Hitler e suas hordas ao maior dos desastres registrados pela História. As concepções de Mackinder (inglês) sistematizadas por Hanshofer (alemão) em mapas de projeção Mercator, conduziram à visão do mundo como vasto arquipélago de continentes-ilhas, impedindo a apreciação esferoidal dos fatos políticos e estratégicos, ao ponto de gerar o mito da inexpugnabilidade.

Longe de nosso pensamento, pois, a infalibilidade dos conceitos. Assim é que nos esculpamos de qualquer apreciação menos justa, consequentes seja do material cartográfico de que dispomos, por demais impreciso e, talvez, em escala inadequada, seja de deficiências próprias.

A vista do material cartográfico sob nossos olhos não é difícil concluir da dispersão econômica de que sofre o Estado do Paraná e aquilatar de seus prejuizos políticos.

A primeira coisa que fêre nossa atenção, no que respeita ao Espaço, é a existência dos três planaltos mais conhecidos pela denominação de degraos:

— os primeiro e segundo, alteando-se do êste para oeste e que podem ser balisados por Curitiba e Ponta Grossa; êsses degraos se caracterizam como verdadeiros centros de dispersão (ou convergência) de comunicações e dentre essas cumpre assinalar os segmentos longitudinais (rôdo e ferroviários) das que ligam o norte e o sul do país, empresando a êsses degraos o papel funcional de simples zonas de trânsito;

— o terceiro degrao, que poderíamos balisar por Guarapuava, apresentando-se com fisionomia mais complexa por que estreitamento vinculado às condições da Posição, descendo as terras à procura do nível do mar.

Não menos caprichosas se revelam as circunstâncias em que se manifesta a Posição do espaço paranaense, pela oposição (ou divergência) de atrações (ou repulsões) a que está sujeita;

— de um lado, pelas atrações do litoral a éste (Pôrto de Paranaguá e do Rio Paraná (estuário do Prata) a oéste, em sentidos opostos como se vê;

— de outro, ainda no quadro da forte atração litorânea, a representada pelo Pôrto de Santos, apesar de excêntrica.

É inegável a fôrça predominante do Pôrto de Santos, cuja área de influência (sem dúvida já acima de sua capacidade) é servida por poderosas comunicações internas (no caso a Sorocabana) e a capacidade carreadora do Rio Paraná (águas abaixo) como excelente via navegável que ainda é.

Essas circunstâncias da Posição interferem em cheio, como já foi dito, sôbre o terceiro planalto (degrão) e em condições tais que valem como elementos dissociativos da economia do Estado porque, precisamente, sôbre o oéste e o norte do espaço paranaense.

São óbvias as más consequências dessa dissociação, em tôdas as suas modalidades e especialmente do ponto de vista financeiro e político do Estado do Paraná, como unidade da Federação, quasi reduzido ao tipo da economia dos Esta-

(Cont. da pág. 10)

Um anacronismo de Castro Alves

(Cont. da página 8)

Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
Filho da perdição.
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa arrebatada,
— Amestrado falcão."
E dirigindo-se a Cristo, adverte-o de sua irredenção:
"Cristo! embalde morrese sôbre um monte...
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimaria do universo,
Eu — pasto universal."
E reporta-se ao infamérrimo comércio de carne humana, com a América como seu principal empório:
"Hoje em meu sangue a América se nutre:
— Condor, que transformar-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ela juntou-se às mais... irmã traidora!
Qual de José os vis irmãos, outrora,
Venderam seu irmão!"
E percorre numa exortação veemente e numa prece soluncante:
"Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço sem gritos...
Escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!..."
Jorge Amado, para mim o mais compreensivo dos intérpretes e admiradores do maravilhoso Castro Alves, diz dêsse estupendo poema:
"É um continente, o mais infeliz dos continentes, quem fala pela sua voz. Um continente que desespera de Deus. Maravilha de canto, sonoridades ainda não conhecidas. E a África miserável e escrava a clamar para o céu que não a ouve:
"Quando eu passo no Saara amortalhada:
Ai! dizem: "Lá vai África embuçada
No seu branco albornoz..."
"É o espanto de uma terra e de uma raça que veem a desgraça se abater sôbre o seu peito e não compreendem o crime que cometeram. Versos que sacodem a semsuinidade do mais frio e mais indiferente dos homens. A voz do poeta que já fôra a voz da multidão nas praças, dos acadêmicos em luta com o govêrno, dos negros escravos e dos rebeides fugitivos, é agora a voz imensa de um continente." (Jorge Amado, ABC de Castro Alves, pág. 304).

Forma o segundo quadro ou ato da peça o NAVIO NEGREIRO.

Cogita-se de fascinante obra prima, talhada em versos esplêndidos, de arrebatadora eloquência.

Neie a África fica para traz, sumida na distância, esbatida como na espuma do mar.

Aqui se nos depara deplorável carga humana, amontoada nos porões infectos do lúgubre navio.

Proclama o aedo com altiloquência:
"Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar-dourada borboleta;
E as vagas após êle correm... cansam
Como turba de infantes inquieta."
.....
"Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas..."

Donde vem? Das naus errantes
Quem sabe o rumo si é tão grande o espaço?
Neste Saara os corseis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traços."

É o III canto uma antevisão do pavoroso drama vivido no bojo da triste nave:
"Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... não pode o olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí?... Que quadro de amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil... Meus Deus! Meu Deus! Que horror."

Visualiza-nos então o artista, em pinceladas épicas, de beleza dantesca, as pavorosas cenas do NAVIO NEGREIRO. Cogita-se de uma das mais empolgantes descrições jámais concebidas e realizadas em nossa e mesmo noutras línguas. Assume, nessas seis estrofes do canto IV, a fôrça e a riqueza expressional das mais poderosas criações poéticas.

Patenteia, no estilo condoreiro, um vigor e uma grandeza dignas dos maiores mestres da arte lírica. Não resisto ao impulso de as trasladar para aqui:
"Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dansar...

Negras mulheres, suspendendo as tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras, moças, mas nuas e espantadas,
Em ansia e magua vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doidas espirais...
Si o velho arqueja, si no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia
A multidão faminta cambaleia
E chora e dansa ali!
Um de raiva, delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto, o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra
Tão puro sôbre o mar,
Diz do fumo entre densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!"
Fazei-os mais dansar!"

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual num sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanaz!...

O canto V, depois de uma vibrante apóstrofe a Deus, — SENHOR DEUS DOS DESGRAÇADOS, — identifica o lamentável gado humano, acumulado no porão do sinistro veleiro e lhe reaviva, em côres impressionantes, a história emotiva, desde os seus pagos nativos, à caçada medonha, a dolorosa caminhada pelo deserto até o embarque, rumo do mais infeliz destino.

O VI canto é uma denúncia contra a nossa pátria, mercadora durante três séculos de carne humana.

Depois de se referir ao "Auriverde pendão de minha terra, que a brisa do Brasil beija e balança", fecha seu extraordinário poema com uma exortação admirável:

(Cont. na página 10)

Aspetos Geopolícos do Paraná

(Conclusão da pág. 9)

dos mediterrâneos, sem que o seja.

Breve relance sôbre a dinâmica do espaço paranaense pode nos dar idéia do vulto dessa dissociação se bem atentarmos para as comunicações.

A economia do oêste, pode tender a escapar ao contrôle estadual, evaindo-se pelo Rio Paraná, sem que se saiba ao certo o mercado que se beneficiará de seus produtos. E ainda há as ramificações rodoviárias em busca do norte, o mais recente Eldorado em terras da Santa Cruz.

O norte, por sua vez, recebe em linha réta o impacto do Pôrto de Santos, nem sempre dispondo de praça suficiente para o volume da produção correada.

Nessa ordem de idéias é forçoso o recurso a artifícios capazes de repôr as coisas em seus justos têrmos.

Aí temos a estrada do Cerne, verdadeiro traço geopolítico em favor da economia paranaense, apesar de suas más condições técnicas à espera de substancial melhora; e o fechamento das pontes e viadutos da ferrô-via Curitiba-Paranaguá e os planos para melhorar o acesso, a acostagem e o equipamento dêste pôrto.

Mais acentuadamente devem ser citados a ferrovia Ponta Grossa-Apucarana, sem que se despreze a rodovia que a dobrará, ambas de particular importância pelo sentido oblíquo (sulêste-noroêste) dos respectivos traçados, como uma sorte de resultante econômica das atrações que se exercem sôbre o oêste e o norte do espaço paranaense.

Resumindo, quer parecer que a linha balisada por Palmas-Guarapuava-Pitanga-Apucarana deveria ser considerada como a calha, a coletora economica a favor do litoral paranaense ou melhor do Pôrto de Paranaguá. Nesse quadro, Ponta Grossa se imôe como centro de atração sôbre a maior parte do oêste e do norte do espaço paranaense.

Após concluida a figura neutralizante das novas comunicações, Ponta Grossa e Curitiba poderiam realizar seu destino funcional como centros econômicos de distribuição, já agora em benefício da própria Federação de que o Estado do Paraná é uma de suas unidades melhor qualificadas.

No atual estado de coisas, o Paraná ainda não pode representar a pleno o papel que lhe compete na Federação como unidade econômica e consequentemente política, o que, de um modo ou de outro se rebate sôbre a economia e a política nacionais, inclusive pela feição fronteiriça do espaço paranaense.

Em nada se recomenda, com efeito, a incapacidade de um Estado em coordenar, por meio de comunicações e transportes adequados, a distribuição de seus produtos, no âmbito nacional ou internacional, e tudo deve ser planejado e executado para que um tal Estado retome o contrôle de sua produção.

A Federação vale, justamente, pelo sistema de fôrças econômicas e políticas de suas unidades e nenhuma delas deve falhar à sua destinação no concêrto federativo. Nisso está, por exemplo, o alcance político da Hidrelétrica de Paulo Afonso, pois, irá propiciar a recuperação econômica dos Estados nordestinos, presentemente verdadeiras lacunas no complexo problema político-econômico do País.

Mas é preciso ainda não esquecer que, se em novos têrmos o problema da circulação da riqueza paranaense, iniciarmos, de seguro, nova política portuária à base de portos conjugados (grandes e pequenos), de modo a tornar possível "variantar" os transportes segundo as circunstâncias (praça, fretes, carga e descarga, etc.). Nesse particular Curitiba seria excelente placa giratória em relação aos portos de Paranaguá e São Francisco e ao Pôrto de Santos, se utilizados em cadeia.

O que não parece admissível, no caso de uma unidade econômica, é a contingência de não dispôr de outra alternativa além da imposta por condições momentâneamente mais favoráveis de seus vizinhos, anulando-se a si própria por comodismo, incapacidade ou pela avidez de lucro imediato de terceiros o que, pensamos, nada tem a vêr com o conceito de mercado, no qual, reconhecemos, não somos fortes (espêto provocado por objeção partida do auditório).

Como dos mais simplórios cabocles dessa brilhante tribu euclidiana, acreditem todos na minha satisfação em vê-los, pacientemente aturando discussão tão árida como a que vimos fazendo, tanto mais que agravada pelo estado de fadiga em que nos encontramos.

Esse é excelente sintoma por revelar o gôsto (até ao sacrifício) pelos estudos geográficos que, ao nosso vêr, se encontram no fundo da solução de todos os problemas, assim econômicos como sociais e políticos.

No regime democrático em que vivemos, e tão da nossa índole, urge que cada um procure esclarecer-se sôbre os problemas nacionais. E é bom lembrar que êsses problemas devem ser encarados onde quer que se manifestem; tanto é verdade que a vida nacional está em tôda parte a dentro de nossas fronteiras, o que, graças a Deus, é também de nossa brasílica índole reconhecer.

Acreditamos haver produzido alguma coisa que mereça ser meditada, mesmo para que se discorde afinal. As democracias vivem, essencialmente, da livre circulação de opiniões emitidas por seus membros, sem distinção de classes, credos ou partidos e de cêr e assim devemos viver nós.

Só me resta, agora, apresentar meus melhores agradecimentos a êsse nosso manso líder que é Faris Michaele e declarar tôdo meu entusiasmo pela imensa obra que realiza seu grande espírito, recondunzindo-nos às nossas tabas de origem.

Um anacronismo de Castro Alves (conclusão)

"Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Estingue nesta hora o brigue imundo
O trilho do Cutindiba, a ponte Pargas,
Como um iris no pélago profundo!
Mas é infamia de mais!... De etérea plaga
Levantai-vos, herois do Novo Mundo!
Andrada! arranca êsse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!"

Resumi as duas magníficas poesias do maior poeta do Brasil para lhes recordar tôda a dramaticidade, salientando-lhes o altíssimo poder de emotividade.

Como se disse da Oração da Coroa, que lida em qualquer comício, no espaço ou no tempo, provocara os mesmos efeitos da éra de Demóstenes, os possantes poemas de Castro Alves arrebatariam e arrastariam as massas para uma arrancada social ou cívica.

Por que sucede isso?

Pelo seu conteúdo de indignação, constituido com o conhecimento da psicologia humana, e realizado dentro dos mais seguros recursos da poética.

Falei, no início dêste modesto e apagado trabalho, num anacronismo verificável nessas peças.

Vou demonstrá-lo.

NAVIO NEGREIRO exibe a data de 18 de abril de 1868.

VOZES DA AFRICA, a de 11 de junho de 1868.

Ora, como recapitulei no exame dêsses versos imperecíveis, seu tema é o tráfico de escravos.

Foi nesse maldito comércio extinto por fôrça da lei de 4 de setembro de 1850, propugnada pelo Ministério do Marquez de Olinda, sob a liderança eficiente de Eusébio de Queiroz.

Essa providência legislativa, golpe mortal na infamante importação, foi provocada pelo sério incidente conhecido na história do Paraná pelo combate do Cormorant, travado na saída da barra de Paranaguá entre aquele cruzador britânico e a fortaleza ali existente.

Embora o parlamentar fluminense Eusébio de Queiroz, autor do projeto, proclamasse na câmara dos deputados enfaticamente;

"NÃO, o govêrno não foi despertado pelos canhões britânicos" (apud. Mauricio Goulart **Escravidão Africana no Brasil**, pág. 259), fico claro, depois, quando, no seu afamado, **Um Estadista do Império** (Vol. I, pág. 227), observa: "E querer iludir-nos a nós mesmos por uma ficção de patriotismo dizer-se que sem essa atitude da Inglaterra no mar o tráfico teria sido parado repentinamente, em 1850, como o foi."

Sim. Foi-se sempre naquele ano a mais fecunda fonte de abastecimento da negreganda instituição.

Daí se infere a intempestividade dos poemas quanto ao assunto, pois apareceram 18 anos após a sanção da lei Eusébio de Queiroz.

Estou em crer preferisse o notabilíssimo vate brasileiro essa tese à exploração das sevícias infligidas aos pobres cativos, pela sua menor vulgaridade e pela sua fôrça de sugestibilidade.

Abordando embora um tema estemporâneo, teve Castro Alves, talvez, a sublime intuição da possibilidade de o lançar no plano universal.

"Deste sublime poema — conta-nos Afranio Peixoto — **Obras Completas de Castro Alves**, II, 146) — escreveu recentemente Amadeu Amaral; "Nas Vozes da Africa elevou-se (Castro Alves) até o sonho da redenção do continente negro e da entrada da Africa no concêrto da civilização universal."

Quiçá se encontre nesse desígnio de considerar o assunto num nível de universalidade a explicação para a sua preferência do tema tráfico inevitàvelmente vinculado aos destinos e interêsses de dois continentes, a África, mercado de aquisição do gado humano, e a América, praça de necessidades inesgotáveis para aquela infeliz mercadoria.

Enquanto êsse comércio se alimentava lá, na terra de Cham, constituindo-lhe monopólio virtual, os castigos, os tormentos, os maus tratos, as discriminações raciais eram e são ainda gerais neste mundo de iniquidades. E não se depurariam, mercê de nossa sensibilidade excepcional, superiores às verificadas em qualquer outra parte do órbe.

Como crédito à nossa competência com outros povos, sedizentes ultra-civilizados, acentuemo-lo, nunca cultivamos preconceitos etnológicos, religiosos e classistas.

E mais: Não chegamos à ignomínia de manter fazendas de criação de escravos, como aconteceu nos Estados Unidos, nem vendemos brancos como escravos, segundo o fizeram, até os começos do século XIX, a França e Inglaterra e até mais recentemente a orgulhosa Alemanha, consoante o testemunho de Emilio Ludwig, registrado nestes têrmos: "Outros Príncipes, porém, vendiam os súditos, aos milhares, para embarque para a América. Em nada esta praxe se distingua das atividades dos mercadores de escravos que até ontem caçavam sudaneses e abissínios de ambos os sexos, bem formados, afim de vendê-los nos mercados africanos. O Rei da Prússia, sob êste aspecto, pode ser comparado antes ao diretor dum jardim zoológico."

"Os milhares de indivíduos que os príncipes germânicos vendiam à Inglaterra, que não tinha tropas suficientes para enviar contra as colônias rebeladas da América, eram pagos a 7 e 8 libras cada um. Como num entrepôsto de animais, eram apoiados e refugados quando inocos demais." (**Os Alemães**, pág. 139).

Ainda, no chamado poema OS ESCRAVOS, há numerosas poesias, versando os dramas da vida dos infortunados cativos.

Impressionaram, sem dúvida, os leitores. Nenhum deles, porém, logrou a larga e duradoira ressonância das estrofes daqueles dois cantos eternos.

De VOZES D'AFRICA disse Luiz Murat ser um primor de forma.

Diz o circunspecto José Veríssimo das duas produções máximas de Castro Alves: "Há, por exemplo, em VOZES DA ÁFRICA e ainda mais em NAVIO NEGREIRO, mais que a ênfase ou a retórica da escola, eloquência dos melhores quilates, profundo sentimento poético, emoção sincera e, sobretudo no primeiro, uma formosa idealização artística da situação do continente maldito e das reivindicações que o nosso ideal humano lhe atribui. E mais uma então ainda não vulgar perfeição de forma." (**História de Literatura Brasileira**, 336).

Silvio Romero colocava Tobias Barreto acima de Castro Alves. E escreveu copiosamente para sustentar sua tese. Entretanto, o gênio do baiano se impunha de tal modo que o maior crítico do Brasil lhe fôz justiça classificando-o de "notabilíssimo poeta" (História da literatura brasileira, vol. IV, pág. 255.)

Pronunciando-se sôbre a, por êle, chamada poesia "SOCIALISTA" (sic idem 249), deixou êste julgamento corroborador do parecer atraz expôsto ou transcrito neste apagado ensaio:

"Um fato aí havia que o impressionou sôbre tôdos, o fato cruel e repugnante da escravidão; e êle tentou fazer o poema dos escravos."

"Aí vai a sua verdadeira originalidade. Antes e depois dele, entre nós e no estrangeiro, alguns poetas tomaram como assunto de seus cantares o fenômeno extravagante da escravidão brasileira. Por outros têrmos, é bem verdade que êle não fez a psicologia nem a sociologia do escravo, não se pôs no meio dos cativos, nos engenhos e nas fazendas, para lhes fotografar com nitidez naturalística o viver pungente e as profundíssimas misérias."

"O poeta não arquitetou o romance cruel e realista dos escravos. Não; seu caminho foi outro, ensinado, apontado pela índole mesma de seu talento."

"Ao poeta bastou-lhe para o excitar e comover o fato geral e indistinto da escravidão. Só isto foi suficiente para levantar-lhe o sentimento, e êste sentimento foi a indignação e a cólera."

"O poeta não desceu a descrever cenas; aludiu rapidamente a elas e supôs-las com razão conhecidas de todos. Ele é da família do cantor dos CHATIMENTS; indigna-se, encoleriza-se e larga o azorrague nos verdugos, nos opressores dos míseros cativos."

"O espírito de Castro Alves é o de um tribuno, de um agitador; sua poesia é a expressão natural de seu caráter, de seu temperamento." (idem pág. 248).

E condensa o formidável crítico brasileiro um parecer lapidar e definitivo neste magnífico período:

"Castro Alves não perdeu seu tempo; bem ao contrário êste paiz deverá sempre ter todos os belos versos em que êle foi o porta-voz, a expressão grandilôqua da conciencia da patria." (idem 249).

Nessa transcrição está exposto o cabal esclarecimento do anacronismo por mim citado.

Preferiu êle as desditas da África à tragédia do escravo dentro nas senzalas de nossa terra.

Adotando aquele critério de elevadíssima inspiração, êle, em vez de um simples cantor de cativos, empunhava a tuba clangorosa de um poeta da humanidade.

Por tudo isso, foi êle único, insuperável, o maior em sua época.

E ainda hoje ninguém, na poesia social, na utilização dela como fôrça e arma de combate pela liberdade e pela melhoria da vida do homem do povo, lhe tomou o pôsto na galeria da glória e da imortalidade.

A Filosofia ante a crise do Mundo Moderno (conclusão)

Um dos movimentos mais promissores nesse sentido é o que se concentra em tôrno do Prof. Korzybski, que fundou nos Estados Unidos o "Instituto de Semântica Geral". Korzybski parte do pressuposto de que existe um desajustamento entre (a) as nossas formas lógico-conceituais e (b) o mundo existencial. Um dos fatores dessa desconformidade é que as nossas formas conceituais de representação são ainda fortemente influenciadas pelas formas aristotélicas do pensamento.

A lógica aristotélica dominou de tal modo o pensamento ocidental que, cerca de dois mil anos após, pôde Kant ainda afirmar que ela era uma lógica perfeita, acabada e imutável. A admissão dêsse aprioristmo em relação às formas lógicas vem sendo últimamente retificada, em face de novas investigações, que nos mostram que a lógica, assim como as outras manifestações das atividades humanas, não podem ser dissociadas de sua matriz cultural.

Entretanto, não obstante a reação que vem surgindo, as nossas formas lógicas são ainda hoje como se a nossa matriz fôsse idêntica à matriz que possibilitou o levantamento da velha lógica. A física de nossos dias, do mesmo modo que a matemática, já superaram os estreitos limites da velha física e da geometria euclidiana. Em face dos avanços nesses setores temos que a física clássica e a geometria de Euclides nada mais são que casos limites de uma física e de uma geometria mais gerais.

Essa superação quanto às formas lógicas é o que intenta Korzybsky realizar; seu sistema, em rigor, não se contrapõe à velha lógica, mas tão sòmente constitue uma generalização de um caso particular.

A lógica aristotélica é uma lógica do puro "ser", como tal dando-nos uma visão estática da realidade. Em face dessa estática, torna-se ela incapaz de apanhar a dinâmica das relações existenciais, donde o desajustamento entre a nossa estrutura lógico-conceitual e a realidade contextual.

Daí porque o movimento lógico-filosófico dos nossos dias é no sentido de superar essa estática, de forma que se possa apanhar a realidade concreto-empírica. Essa superação não implica, todavia, um absoluto dinamismo, pois, se assim fôsse, estaríamos operando no puro "vir a ser", com o que iríamos cair no extremo oposto ao "ser" aristotélico.

Se, de um lado, a realidade existencial é dinâmica, por outro lado, êsse dinamismo tem de ser formalizado, de modo a tornar-se passível a própria organização do pensamento. O problema está, então, em **dinamizar** o estático e **estatizar** o dinâmico numa relacionalidade funcional, que sòmente a nova lógica nos poderá dar.

Não podemos ficar nem num puro racionalismo estático, nem tão pouco num puro dinamismo empírico. Como salienta Neurath, por muito tempo houve um antagonismo entre o empirismo e o racionalismo **a priori**. Em consequência, porém, das novas investigações, essa oposição, considerada irredutível, vem se tornando sintetizada pela primeira vez na história.

No Brasil, o pensamento filosófico, como consequência de diversos fatores, não atingiu ainda seu pleno desenvolvimento. Não há ainda entre nós o estudo aprofundado da filosofia, com aquela preocupação sistemática, imprescindível à sua consolidação. Precisamos, não apenas de um estudo de superfície, mas de uma análise aprofundada, de modo que, pela crítica construtiva, possamos trazer nossa contribuição ao pensamento filosófico universal.

Ao que parece, todavia, uma reação já está se fazendo sentir, procurando alcançar êsse objetivo. Um grande passo vem de ser dado há pouco, quando, em março do ano passado, reuniu-se em São Paulo o I Congresso Brasileiro de Filosofia, graças à feliz iniciativa do Prof. Miguel Reale, ilustre presidente do Instituto Brasileiro de Filosofia.

Nesse Congresso, cujos anais foram há pouco publicados, tivemos oportunidade de dar um balanço das nossas fôrças, através das diversas teses apresentadas nos vários setores específicos da filosofia. Daí poderá partir a intensificação dos estudos filosóficos entre nós, tanto mais necessária quanto, como recomendou o Congresso, não poderemos prescindir da filosofia para a superação da crise do nosso tempo.

Tenho confiança em que, nessa tarefa, a Sociedade Brasileira de Filosofia poderá trazer valiosa contribuição, dando cumprimento aos altos objetivos de sua organização.

Ao empossar-me como seu sócio efetivo, prometo que, dentro das minhas limitadas possibilidades, tudo farei para honrar a sua elevada missão.

Espírito

Pelo Prof. **Alcântara Nogueira** (Rio de Janeiro)

O conhecimento do espírito, isto é, do elemento intelectual no homem enquanto êle sente e age sob as mais variadas formas de emoção e paixão, constitui, nessa esfera, o cerne da natureza humana. Não se trata, com efeito, dum conhecimento que esteja direta e exclusivamente aplicado à pesquisa de algo que seja essência pura — "da verdade em si e por si" (como pretende o pensamento hegeliano), mas da análise e compreensão do hômem nas suas inúmeras atitudes, as quais, consideradas como próprio, definem uma forma de ser ou uma natureza.

Melhor será dizer: para o verdadeiro pensamento filosófico, o espírito deve ser compreendido sob duplo aspecto: primeiro, como realidade constitutiva do complexo das ações humanas, o qual forma o indivíduo como agente ativo e passivo; segundo, como instrumento mental com capacidade de aprender, através do entendimento, a realidade divina como substância e universalidade unas. Porque, compreender o espírito como entidade absoluta, superior à substância e ao universal, é próprio de religiões, uma vez que estas não dispensam o véu do sobrenatural, a fim de ensinar Deus e sua natureza. Por isso, é certo dizer-se que tôda filosofia que procede dessa maneira, no que concerne à compreensão do espírito, denuncia a vocação errada de seus corifeus.

Em verdade, não possui racionalidade alguma, esta forma de apresentar o espírito dotado de auto-objetividade, existência que ultrapassa a da substância ou a do universal, como todo absoluto, isto é, a divina realidade. Porque sòmente esta é o absoluto, a existência da existência única, cuja natureza só se explica pela eternidade. Cada sêr da universalidade é a revelação perene da potência infinita de Deus. Mas tôda essa existência, como corpo e idéia universais, unidade de si mesma, sem possibilidade de ter sido ou de ir a ser, é que se afirma, de si para si, sem temporalidade — realidade última, una e única. As contradições que parecem ser, no mundo objetivo, a pedra de toque para explicar a fenomenalidade, tornam-se logicizadas desde que o entendimento perceba o significado dessa unidade absoluta que define a divindade substancial ou universal.

O espírito, com efeito, possui unidade e identidade em si mesmo, na realização da atividade que define o sêr individual. Isto é, quando sôbre êle atua qualquer agente capaz de gerar no indivíduo certa emoção, à impressividade produzida corresponde idêntica e imediata afecção. Por isso, nem o espírito é capaz de ser levado a agir independentemente do indivíduo de que êle constitui realidade, como natureza, nem o indivíduo é modificado sem que tal modificação se processe em virtude do que se fêz sentir no espírito.

ESE ES UN GAUCHO

Llegais a un rancho, solicitáis permiso para pasar la noche y os acoge con la más noble hospitalidad. Al día siguiente os brinda el desayuno y revela alegría de haberos sido útil.

Vuestro hijo está enfermo y es necesario el médico. Son leguas de ida, leguas de vuelta. Ensilla su mejor caballo y parte decidido a conseguir que el médico venga, y pronto.

Hay amenaza de asaltaros. Brinda su vida para prestaros compañía y defensa.

Estáis desorientados en medio de la campaña. El abandona su reposo o su tarea y os guía hasta dejaros en camino seguro.

Tenéis con él una deuda, y él está necesitado, pero os dice:

— No se preocupe. Yo lo mismo me arreglo; me pagará cuando a usted le sea cómodo.

Necesitáis su ayuda para salir con vuestro vehículo de unpantano, y al pretender recompensarlo os asegura que si cobrara se sentiría avergonzado de sí mismo.

Aguanta estoicamente el sol, el viento, el frío, la lluvia, el hambre, el sueno y las adversidades.

No se queja de su pobreza o de sus contratiempos, no deplora su destino, no aflige a nadie con sus propias amarguras.

Lo despertáis a altas horas de la noche para requerir su ayuda y os dice sin asomo de fastidio:

— Para eso estamos, para servirnos unos a otros. ! Á sus órdenes!

Es siempre el mismo amigo fiel y leal así estéis en la prosperidad o en la indigencia.

Para su compañera y para sus hijos tiene ternura de niño.

Altivo y digno en todas las circunstancias, nunca es servil ni orgulloso.

Sabe olvidar una ofensa, sabe perdonar, sabe reconciliarse noble y lealmente con el enemigo.

Constancio C. Vigil

EUCLIDES

Pelo DR. ALTINO ARANTES
(Da Academia Paulista de Letras)

(Trecho de sua brilhante conferência "Relendo Euclides", realizada em São José do Rio Pardo, em 1950).

"Os demais escritos de Euclides confirmam todos, sem falhas e sem deslises, os seus legítimos créditos de pensador de sentimentos sadios e fecundos; de publicista de verdades vivificantes e sugestões proveitosas; de cidadão e patriota de críticas construtivas e empreendimentos progressistas. Excluem-se portanto, da categoria dêsses outros livros — infelizmente tão superabundantes — que J. Calvert ferreteia com o estigma **de negativos**: livros negativos de fato, porque — carecidos de ideais e de objetivos sérios — se exaustam em fazer estilo sôbre assuntos insignificantes ou mesquinhos; e, assim, o maior prêmio, de que se logram, é espairecer o leitor ocioso, cujo afazer único consista em estar perdendo o seu próprio tempo.

Analisados, pois, em seu conjunto, o que transparece dêsses outros trabalhos de Euclides é o mesmo intenso carinho, a mesma indefectível dedicação pela nossa terra e pelo nosso homem, pelo Brasil e pelo brasileiro.

O tabaréu e o jagunço, o vaqueiro e o seringueiro, do mesmo modo que o ambiente em que êles moram e exercem as suas agrestes atividades — dos pampas do Sul aos igapós do Acre — vivem-lhe na mente, estampam-se-lhe na retina e veem decalcar-se-lhe na escrita com a exatidão de um daguerreotipo, com o frescor, o colorido e a vivacidade de um painel pintado por mão de mestre.

É um retratista exímio e um paisagista consumado. Dêle poderíamos repetir, sem hipérbole, que nas suas mãos expertas o vocabulário é a palheta mágica onde o pincêl vai encontrar, ao seu talante, tôdas as côres, todos os matizes e tôdas as nuanças que lhe facultam a representação vívida, flagrante, realística das figuras e dos cenários sob suas vistas.

Rien n'est beau que le vrai — teria êle aprendido de Boileau. Com um pormenor recompõe um episódio; com uma visada, revoca uma ambiência, reconstitúi uma paragem, retraça uma perspectiva. Com um gesto, com uma palavra — surpreendidos de relance — restitúi um temperamento, revivesce um caráter, reanima tôda a pléiade de sêres vivos, de homens de carne e de sangue que desfilam ante a sua imaginação ardente e convulsa, em pleno tumultuar da vida, com o impressionante realismo de um dêsses modernos filmes em tecnicolor, aos quais Pierre Dournes, exageradamente talvez, atribúi o maravilhoso condão de encastoar o móbil no imutável, o instantâneo no sempiterno."

O Caboclo

(Conclusão)

Fizeste do abandono em que te deixaram os mais teus compatriotas a escola gratuita do sofrimento no vácuo em que te retemperas. Salvas-te por tuas próprias fôrças de inércia contanto que te deixem respirar ao menos. Numa sobra de conquistas seculares desta do Brasil para o monumento de sua integridade incontrastável os Sete Povos das Missões, o triângulo acreano e o caminho diametral pela serra do Norte; pagaram-te com pilhérias e falsas promessas, corroborando a lenda de empedernido e madraço. Varão ínfimo e desaparecido, herói pertinaz e superhumano, entre as bênçãos da Providência e as cruzes da Fatalidade que te não larga, marchando como um zonâmbulo do Menor-Esfôrço.

A Língua Portuguesa e Brasileira

Para "TAPEJARA" — Por Elias Domingos — — —

I

A língua portuguêsa é, como versejou o imortal vate da "Via-Láctea", ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO.

O povo dessa antiga região italiana falava o latim e era um povo forte, guerreiro e conquistador, por isso chegou a dominar a península Ibérica, atualmente a pátria dos portugueses e espanhóis.

Esse povo belicoso, agora com o nome de romanos, implantou a sua língua aos vencidos, mas não à viva fôrça e à pressa, e êstes a iam aceitando naturalmente. O latim espalhado pela Península não é o clássico e sim o que dera origem ao idioma português, o vulgar, falado pela classe inculta; sujeito, pois, aos crassos erros.

Logo que o latim popular começou a transformar-se em língua portuguesa, até o século XV, era o ante-clássico. Com o desenvolvimento das leis lexicológicas e sintáticas, surgiu depois o brilhante período — o clássico; foi desde então que surgiram grandes vultos, os quais enriqueceram a língua de Castilho Antônio.

Da mesma maneira sucederá à nossa língua, se quisermos, como pretendem diversos patrícios, separá-la abruptamente do idioma lusitano, dando à língua falada aquêmmar o nome de "brasileira". Estaria sujeita aos erros gramaticais, sem pequena sombra do estilo modelar e incomparável do "Águia de Haia", sem pequena sombra das formas corretas e belas de Machado de Assis e outros ilustres escritores da terra de Vera Cruz. Nossas gramáticas não seriam mais, de forma nenhuma, as dos abalizados mestres brasileiros, pois as suas lições condenam muitas expressões de nossa gente, tachando-as de vícios de linguagem ou brasileirismos viciosos.

Dizemos sem pequena sombra de estilo ou forma dos clássicos do Brasil, visto que não podemos de maneira alguma contestar se afirmarão que "Dom Casmurro", "A Carne", "Cartas de Inglaterra" e outras centenas de obras dos grandes mestres do escrever dêste País não foram escritas no idioma brasileiro. E diriam com muita razão.

Se acaso abfurmos o Eduardo Carlos Pereira, João Ribeiro, Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro e o bastante para notar-se que todos os gramáticos ilustres do Brasil doutrinam o seguinte: Nunca se deve começar uma frase em português pelas variações pronominais obliquas; deve-se evitar o emprêgo da preposição EM após os verbos de movimento, ou no adjunto circunstancial de lugar para onde; é condenável o emprêgo do pronome de caso reto — êle — como objeto direto; quando PARA MIM, que seja seguido de verbo, o pronôme terá obrigatòriamente de substituir-se pelo caso reto, para exercer a função de sujeito dêsse verbo; os pronomes EU e TU não podem ser regidos de preposição; deve-se evitar a regência verbal EM, quando na acepção de aproximidade; todo o emprêgo da palavra CUJO, que não seja de complemento de posse, é errôneo; o verbo ASSISTIR, no sentido de "estar presente", constrói-se como transitivo-indireto com a preposição "a"; quando fôr impessoal, o verbo que devemos empregar é o HAVER e nunca o TER.

E no entanto ouvimos e vemos amiude construções destas: "Me dá o lápis" — "Êle foi em casa" — "Eu vi êle" — "Água para mim beber" — "Ela não vai sem eu" — "Estava na janela" — "O clube... cujo clube foi demolido" — "O povo assistiu o baile" — "O jôgo... assisti-lhe" — "Na sala tinha uma pessoa".

Êsses poucos e simples exemplos e mais estas duas pequenas frases — Cafê o guri? — Tá lá (Que é do guri? — Está lá) — são suficientes para demonstrar que teríamos forçosamente de organizar novas gramáticas e novos léxicos.

Ainda que queiram formar a nova língua, que achamos absurdo por enquanto, diversos solecismos, que acima acrescentamos, são genuinamente portugueses, empregados pelos lusitanos, como, por exemplo:

"Me melem, se eu percebo o tal conluiu" (Castilho)

"Me melem se entendo o doutor" (Herculano)

"Me avisam em muito secreto que Espanha tem resolvido romper a guerra com França" (Vieira)

"Mos ofereceram todos quantidades iguais" (Bernardes)

"Nomeamos êle" (Fernão Lopes)

"viu ela e seus corrigemen-tos" (Id.).

Não queremos com isso dizer que não terá a nossa valorosa Pátria o idioma denominado brasileiro; não agora, porém. A língua portuguêsa falada aquém-Atlântico tornar-se-á o idioma brasileiro, daqui a muitos e muitos anos, com a modificação das leis sintáxicas, pois está, suave e lentamente, se tornando diferente da de Garrett, com o enriquecimento de seu vocabulário e modificação de certas palavras na forma e no significado.

Não sabemos, francamente, o motivo que animou diversos patrícios a querer formar a língua brasileira. Excesso de patriotismo? ou porque o idioma lusitano falado no Brasil tem uma maneira pouco diferente da de além-mar? ou porque em nossos dicionários apareceram centenas de palavras originadas do guaraní e africano? Isso me não faz crer que é suficiente para tal, se o número muito maior, as regras gramaticais, em geral, são iguais. Se pegarmos uma obra de Herculano, de Garrett, de Vieira, de Camilo, de Eça e de outros grandes escritores transcecânicos e lermo-los, compreenderemos perfeitamente o que dizem; o mesmo acontecerá com os lusitanos, se abrirem um volume de Machado de Assis, um de Rui, um de Humberto de Campos, um de Euclides da Cunha. Se lermos alguns versos de Camões, saberemos muito bem o que poetou, como os filhos de Portugal fazem com os versos de Gonçalves Dias, Bilac, Raimundo Correia e outros valores da arte de Byron que nasceram na terra de Iraçema.

Canto al Uruguay

Para "TAPEJARA" — Por T. M. González Barbé

Canto a la Patria que ganó mis sonrisas
y vió mis pasos primeros, temblorosos, vacilantes
en mañanas luminosas, perfumadas,
cual remanso invalorable
de felicidad y paz,
y en los prados rumorosos absorbió mis alegrías,
mis cantares, mis ensueños, mis pesares,
y forjó — templando cada día la verdad de mis ideales —
el optimismo incontrastable que palpita en mi interior.

Canto a la Patria de mis padres venerados
con encendida emoción,
para los que siempre conservo la lámpara votiva
de la más sentida oración.

Canto a la Patria porque fulge en su grandeza el alma misma
de la Gloria y el Amor
que sube noche a noche a las estrellas
para impregnarse de hónda excelsitud,
y luego baja en alas de las brisas
y la envuelve en lámpos de virtud,
como en aquellas noches tan lejanas — cuando niño —
yo cantaba alegremente bajo árboles anosos
esperando quién sabe qué milagro
de una ofrenda divinal.

Canto a la Patria generosa y bella
en este joyel de tierra americana,
para acercarme — cual heraldo infatigable —
a todos los hermanos, y decirles en líricas palabras,
de su historia, de sus hombres, de su vida juvenil,
de sus leyes justicieras, amplias, redentoras,
de sus poetas, filósofos, artistas
que han sembrado la armonía, el arte, la cultura,
la belleza y la emoción.

Canto a la Patria cuyos héroes inmortales
le dieron prosperidad,
derramando su sangre ardiente en los campos de batalla
y entregando su vida en aras de la fraternidad;
y supo de horas aciagas, rebosantes de amarguras,
estremecida de espanto ante el invasor tenaz,
pero conservando siempre su santa rebeldía,
reconquistó mil veces lo que era de ella:
su honor, su fé, su libertad.

Canto a la Patria hoy engrandecida
por un destino cierto frente al Porvenir,
besada por el sol de la alegría
y ungida por la Gracia y el Saber,
donde mora la Esperanza
y surge la pujanza de la vida y el amor,
y se arrullan levemente las brisas vespertinas
anunciando nuevos días de trabajo y esplendor.

Canto a la Patria y a sus sueños tan serenos
reflejados en las playas que la ven siempre sonar,
y en sus puertos, y ciudades, y campinas,
cruzan, van y vienen ilusiones,
armonías, cantos, músicas y corazones
anhelosos de trabajo, de sosiego y bienestar,
para forjar la grandeza y el progreso claro y firme
de la tierra hospitalaria de amplios horizontes
que se extienden como brazos gigantescos
abiertos a la Confraternidad.

Canto a la Patria que mis hijos ya empezaron a querer,
y a ser buenos, respetuosos y felices,
llevando en su alma blanca
la blancura inmaculada de la fé que es religión,
y a la madre carinosa que los guía,
y los ama, y los cuida, y los besa y se afana
porque sean siempre puros como las fibras de su propio corazón.

Canto a la Patria de los montes maravillosos,
de los ríos caudalosos,
de las praderas y las sierras y las huertas en flor;
a las ciudades erguidas, a las ciudades magníficas
que en cada hueco alberga los ideales de un amante luchador
por la libertad del mundo, por la dicha de los hijos
y el humanismo fraterno que bulle en su interior.

Canto a la Patria con sus penas y dulzuras,
a todo lo hermoso y grande que atesora
para el humilde, para el bueno y el trabajador,
y por los caminos que conducen a otros mundos
envía su cultura, sus trabajos, sus primores
en un abrazo apretado de franco y noble fervor

Canto a la Patria y sus mujeres
que son la misma aurora del amor y la belleza
de las almas femeninas,
dulces, bienaventuradas, suaves, sensitivas
como flores que nacieran en un jardín primaveral.

Canto a la Patria de todo lo bueno, de todo lo amado,
de toda canción,
porque hay en sus flores tibiezas de otono
y se mueve bajo estrellas rutilantes de emoción,
y en sus paisajes agrestes,
y en sus colinas calladas,
y en la amplitud magestuosa de su amorosa extensión,
hay sortilegios que encantan
y panoramas que asombran
porque en ellos la Natura
ha vertido lo más puro de su santa inspiración.

Canto a la Patria que marcha gloriosa
con ilusiones de un sér virginal,
sin egoismos, ni rencores, ni odios,
ofrendando a todos los hombres
y a todos los pueblos
lo que guarda con ardor:
lo más noble de sus sueños,
lo más bueno de sus ansias,
como un punado de vida, como un punado de amor.

Canto a la Patria de América.
Canto a mi buen Uruguay.

Montevideo, 1951.

JUICIO CRITICO EN ESTILO CERVANTESCO

El talentoso hidalgo Don Miguel Ángel Macau

(Para "Tapejara")

PRIMEIRA PARTE

"De como nuestro talentoso hidalgo entró en el ejercicio de la pluma".

En un lugar de La Habana de cuyo nombre no tenemos más remedio que acordarnos para dirigir la correspondencia o sea el Vedado, ha mucho tiempo que reside un hidalgo matancero de claro abolengo catalán. Frisa la edad de nuestro hidalgo en unos años más de la sesentena. Es de estatura no muy alta, de complexión normal, de gesto serio, gran rimador y amigo de las Letras y las Artes. Quieren decir que lleva el sobrenombre de Macau y el nombre de Miguel Angel aunque él prefiere el Miguel según se conjetura de sus versos (1).

Es, pues, de saber que este sobredicho hidalgo, los ratos que está ocioso (que son los menos del año) se da a leer, a componer libros y contestar a su nutrida correspondencia con tanta adición y gusto, que ha logrado granjear notable fama como poeta, dramaturgo y músico. Doctorado en Leyes, siendo como es abogado y juez municipal, vino a dar en la más extrana ocurrencia que jamás dió juez en el mundo y fué la de publicar libros de poesías, obras teatrales, folletos científicos, traducir autores extranjeros y ! hacer canciones populares y amorosas ! Robándole horas al sueño, quitándoselas al descanso, el talentoso hidalgo cubano para demonstrar que en la tierra de Martí los jueces no sirven sólo para dictar sentencias y hacer cumplir las leyes, se dió con ahinco al placentero Arte de Apolo borroneando hojas de papel con versos, dramas teatrales, traducciones de autores norteamericanos, ingleses, brasileños, franceses, rusos, catalanes, y sentándose al piano, componiendo dulces boleros, habaneras, canciones y alegres rumbas. Así con estas tan agradables ocupaciones, llevado del extraño gusto que en ello sentía, se dió priesa en editar sus producciones, dándolas a publicidad, distribuyéndolas por el mundo. Surgieron de este modo a la luz pública: "Harpas del Alba", "Flores del Trópico", "Lírica saturnal", "Ritmos del Ideal" (que son poemarios), "Influencia de la Literatura en las costumbres", "Francia bajo el Consulado" (conferencias), "Impresiones del camino", "Spoliarium", "Inscripciones del Registro mercantil", "Hipotecas colaterales" (prosa), "Los poemas musicales" (música y versos de su producción), "Obras dramáticas" (várias obras teatrales en un tomo), otras obras dramáticas y zarzuelas no recogidas en ese libro, y "Mi Vía Crucis" (autobiografía).

SEGUNDA PARTE

"De como juzgamos nosotros las obras del talentoso hidalgo"

Es pues el caso, y vaya de cuento, que un día supimos por un amigo de la existencia en Cuba del poeta Macau. Tiempo después en la revista "Bohemia" nos hacíamos con una antigua foto suya que fuera tomada, precisamente, en la época de nuestro nacimiento, por ella supimos más o menos la edad y sacamos su dirección. Luego entablamos correspondencia epistolar con él y nos llegaron sus libros. Nos hallamos con um poeta de fuste, un autor teatral de fuerte vena dramática, de estilo castizo y, para mayor sorpresa, con un músico de rica tonalidad melódica cuyas canciones nos han quedado prendidas en la memoria y las tarareamos continuamente.

Sus poesías fueron recibidas por altos valores de América y Espana con general beneplácito; muchos grandes poetas, entre ellos varios que hoy moran en la oscura mansión de Hades, escribieron a Macau acerca de sus versos y sus dramas, expresándole su valiosa opinión al respecto. El gran mexicano Salvador Díaz Mirón que tan versallescamente cantara a unos ojos verdes, le afirmó a nuestro hidalgo de Matanzas que: "Sus versos son resplandores de Genio y de Gloria". Y el espanol Salvador Rueda, que tan finamente comparó a una mujer con una estatua de perfección única, sintetizó en una frase todo el valor de la lira de Macau: "Es Ud un admirable artista de la pluma".

Luego de estos juicios de tan ilustres vates lo que dijimos nosotros tendrá la triste condición de la pobreza del concepto que nuestro ilaco entendimiento pueda forjar. Pero daremos nuestra opinión sin retórica alguna a fuer de críticos sinceros: Sencillez en la expresión, claridad en los conceptos, belleza en la estructura, en la Poesía, clásico, formación teatral en sus dramas cuyos temas son cubanos o universales y casticidad latente en todo su lenguaje; tal es la síntesis de la labor de Macau.

FINAL

"De como escribe nuestro hidalgo matancero"

Para finalizar daremos unos ejemplos de sus actividades como dramaturgo, poeta, traductor y compositor.

Ejemplo de su forma teatral: entre sus producciones de ese género es muy bello y logrado un monólogo dramático: "Julián estrenado en 1912 en Matanzas; su argumento es sencillo: Julián es un obrero enamorado de una muchacha rica; ante la negativa de los padres de ella a la desigual unión el joven desesperado por la injusticia de la Sociedad y por su amor imposible sólo ve tristeza en torno suyo; recuerda con cariño a su madre muerta que si al menos la tuviera ahora, podría mitigar su dolor. En eso recibe una carta: es de Julia, su amada, que le dice que su padre la llevará a Francia y se despide. Ante tantas contrariedades se envenena. En tal momento llega su novia diciéndole que sus padres consienten al fin y serán felices; él cae muerto repitiendo con angustia esas frases de que podrían casarse y que llegan demasiado tarde. He aquí un fragmento de ese drama todo dicho en un monólogo, salvo un breve parlamento de Julia, es la parte en que Julián recuerda a su madre difunta:

"Madre entonces yo tenía
que me amaba con locura;
entonces! ay! la ventura
en mi pecho florecía,
como rosa de fragancia
en la grata florescencia.
! Alegre reminiscencia
de la infancia . dulce infancia !
! Madre, yo te llevo aquí

(Golpeándose el pecho)

con amor casto y profundo;
tú habrás muerto para el mundo,
pero nunca para mí!"

Ejemplo de su poesía: Tomamos este soneto de su libro: "Ritmos del Ideal":

LEJANA

El mar parece que está dormido,
pues no se mueve! tan quieto está!
la nave boga sin hacer ruido;
la altiva luna brillando va.

La fresca brisa revolotea,
en voluptuosa danza oriental;
duerme el pasaje; no hay una idea;
estamos fuera del Bien y el Mal.

Tierras fragantes de Cuba, faro
del Morro, luna, cielo tan caro,
vago murmullo del Malecón,

! Seguid mi nave que suave avanza;
seguid, que muero de esta anoranza
que está agobiando mi corazón!"

Ejemplo de sus dotes de traductor: vertió al castellano poemas de varios autores de otras nacionalidades: Edgar Allan Poe (de él hizo una lograda versión de: "Las campanas" superior a muchas que son celebradas), Longfellow, Oscar Wilde, Alexei Tolstoy (hijo del ilustre autor de: "Resurreción"), Angel Guimerá, Alexandre Pushkin "el Byron ruso", el gran romántico cuyas obras son joyas de la literatura mundial, y otros.

Damos aquí la que hizo de un verso del magnífico vate eslavo:

TE AMÉ

(De Pushkin)

"Te amé, y acaso este sentido anhelo
no haya muerto en mi alma todavía;
mas nunca te ha causado triste duelo
el revelarte mi interior porfía.

Te amé sin esperanza y sin ventura;
en silencio y celoso hube de amarte;
te amé con tal pureza y tal ternura,
como puede un amor glorificarte."

Ejemplo de sus canciones populares: Publicó un tomo de 20 canciones cuyas letras las hizo él mismo especialmente para sus melodías; insertamos aquí la de la hermosa romanza: "Nella" que es una de nuestras preferidas entre las suyas:

NELIA

(Letra y música de Miguel A. Macau)

Nelia, amada mía,
hallazgo feliz en el camino de mi desolación,
tus ojos me miraron con ternura,
tus labios me besaron con locura,
tu gracia me dió aliento de pasión.

Así fuimos dichosos,
así fuimos sinceros,
sin temor a la intriga ni al humano dolor,
tú, como la elegida,
yo con mi nueva vida,
como dos preferidos de Dios.

Tal es la labor del esforzado adalid de las letras cubanas que para deleite de las Musas, de quienes se manifiesta devoto adorador, nació en Matanzas el 1º. de enero de 1886, radicando actualmente en La Habana. Y con esto damos fin felice a la silueta que trazamos del talentoso juez-poeta «cuyas nuvas hazañas literarias "forse altri canterà con miglior plettro" que diría el divino Ariosto.

(1) — Siguiendo lo más posible a Cervantes este trabajo tiene arcaísmos; uno de los cuales es poner "sobrenombre" en vez de "apellido" — (Nota del autor).

Héctor Strazzarino

Montevideo, Uruguay. "Año de Colón", 1951.

São Luiz de...

(Conclusão)

aí têm sido publicados vários jornais. Alguns de vida efémera. O último denominado, "A Razão" é editado desde 1917. Semanário, sem expressão exata do meio intelectual em que circula, é entretanto vorazmente lido por todos e constitúi o veículo de divulgação das produções literárias de seus destacados colaboradores.

Esta crônica já vai longa. Devemos por-lhe ponto final. Mas temos em mente trazer ainda à publicidade outros aspectos regionais e fatos históricos interessantes dessa municiente Cáceres. Meu espírito está sempre voltado para essa região dadivosa e para seu povo generoso e alegre.

Em 31-12-1951.

Perdulário

PARA "TAPEJARA"

Se eu fôsse milionário de alegria,
se eu fôsse milionário de riqueza,
por essas ruas ermas andaria,
suprindo o que faltasse em cada mesa.

Com palavras de fé e de nobreza,
o pranto do infeliz enxugaria;
faria a cada pobre uma surpresa,
se eu o encontrasse a mendigar um dia.

Por todos os recantos da cidade,
como notas de sol, a alacridade
brilhando em todas as fisionomias!...

Mas, ante o meu desejo extraordinário,
Deus, para que eu não fôsse perdulário,
nunca me deu riquezas e alegrias.

Quintiliano Pedroso (Ponta Grossa)

Alguns Episódios da Escravidão

RIBAS SILVEIRA — (Ponta Grossa)

Os abolicionistas e republicanos do século passado, espíritos românticos imbuídos das idéias da Revolução Francesa e das obras de Vitor Hugo e Byron, pintaram a escravidão no Brasil com cores excessivamente negras, como fôra o cativeiro na antiga Pérsia, o que não corresponde à realidade dos fatos. Saturados de invencionice e demagogia era o verbo de José do Patrocínio, Tobias Barreto, Castro Alves, Rui Barbosa e outros paladinos do abolicionismo. Êsses idealistas utilizavam-se das páginas sombrias da Cabana do Pai Tomaz, que nos conta o cativeiro na América do Norte, quando proferiam seus discursos incendiários em benefício da raça negra, pleiteando sua libertação com urgência. Apontavam como um câncro social aquilo que constituia a base da economia da nação e assegurava o "dolce far niente" que êsses rapazes desfrutavam.

Podemos assegurar que os escravos no Brasil foram tratados com brandura, sendo muito raros os exemplos de severidade para com os cativos. Os abolicionistas, por seu turno, desejavam que se tratasse os africanos com a delicadeza que merece uma donzela educada nos colégios religiosos. Não se recordavam que os protos procediam da África selvagem e brutal, onde imperava a indolência, a poligamia, a fôrça bruta e a antropofagia. Os negros recém-chegados tinham que ser tratados com a máxima severidade, pois eram piores do que os irracionais. Sim, um cavalo domestica-se em quinze dias, mas um africano não se amansava em quinze anos.

Melhor do que quaisquer argumentos, atestam a estima com que eram tratados os escravos em nosso país os exemplos que vou citar, cuja veracidade pode ser comprovada em autos de inventário.

Meu bisavô, Hermogenes Carneiro Lobo, legou a têrça parte de sua fortuna aos seus escravos e aos pobres desta Província. O legado importou em cento e tantos contos, ou melhor, em muitas léguas de terreno. Havendo dificuldade de entregar o quinhão aos legítimos herdeiros, por serem mui numerosos e acharem-se dispersos, o juiz preparou o testamenteiro que pagasse aos pobres certa quantia em dinheiro ou mercadorias, aproprianda-se da gleba destinada aos legatários. O testamenteiro chamou por editais a pobreza, entregando 1000000 a cada escravo da casa e cincoenta aos pobres em geral, até perfazer a soma do legado.

Outro parente, cujo nome agora não posso recordar, contemporâneo de Hermogenes, deixou e mtestamento a têrça parte de suas propriedades aos seus escravos.

O referido terreno chama-se Campo Novo, fica situado no município de Ipiranga, e anda hoje é ocupado quase exclusivamente por pretos, descendentes daqueles felizes escravos que foram libertados e acumhoados pelo seu amo.

Nesta cidade existia um homem abastado, procedente de Pôrto Alegre, vulgarmente conhecido pelo apelido de Tamba, senhor de uma dúzia de escravos, que viviam na completa ociosidade. Certo dia, uns vinte anos antes da Abolição, o velho Tamba entregou a carta de alforria a todos os seus escravos. Pois bem: êles suplicaram, de joelhos, que lhes permitisse ficarem vivendo mais algum tempo em sua companhia, porque a liberdade para êles significava o trabalho cotidiano, a pior escravidão.

Outro exemplo: na Fazenda Cambijú, situada neste município, existia mais de uma centena de escravos. Quando veio a Lei Áurea, todos continuaram trabalhando para o seu proprietário, o grande pontagrossense Barão do Guaraúna.

Por outro lado, posso assegurar que os Negros não eram mansos cordeirinhos. Um de meus avôs paternos, morador em Itapeva, foi assassinado de tocaia pelos seus escravos, certa madrugada, quando transpunha a porteira de sua fazenda. Mataram-no para roubar.

As pessoas de mais de sessenta anos devem lembrar-se que em quase tôdas as cidades existiam bairros negreiros, onde campeava a indolência, a bebedeira, a valentia e a desordem. Como a província de Corrientes fôra um homizio de escravos desordeiros, o último quilombo do Novo Mundo, os bairros negreiros eram conhecidos por Corrientes, como se denominava certa zona de nossa cidade, onde reinavam a desordem e a pancadaria.

Finalizando, vou relatar um caso avoengo, sucedido com Manoel Gomes da Encarnação, meu bisavô paterno, residente no município de Cruz Alta. Tinha êle diversos escravos empregados nos trabalhos agrícolas. Certo dia sua estância foi visitada por uma escolta das fôrças Farroupilhas, que depois de extorquir-lhe elevada soma em dinheiro, arrastou consigo os seus escravos para engrossar as fileiras revolucionárias. Os negros não gostaram do serviço militar, e fugiram dois meses depois, com grande risco de vida, vindo imediatamente apresentar-se em casa do seu amo. Meu avô escondeu-os no mato Castelhano, durante vários anos, empregando-os no corte de erva mate.

Não sei de nenhum caso em que os escravos tenham guardado rancor contra seus patrões, afastando-se deles após a Abolição.

Quando Brilham as Estrelas

PARA "TAPEJARA"

Noites sem lua, quando, pelo escuro,
passam milhões de pontos lucilantes
e medir, melancólica, procuro
a pequenez dos passos meus errantes;
quando, ao pisar o estéril chão impuro
descubro nele os traços vacilantes
da vida, eu penso, ó noites, como é duro
um destino marcado por instantes.

Penso nos astros loiros e dispersos,
— misteriosos, vagos universos —
na vida breve que em sonhar consiste;
penso no estranho mal de quem rasteja
de olhos postos no céu; de quem deseja
o eterno e só o efêmero lhe assiste.

Arminda Gonçalves (Portugal)

"OS SERTÕES"

e a crítica norteamericana

(Extraído da Edição Especial da "Gazeta do Rio Pardo", brilhante fôlha cuciliana, 15 de Agôsto de 1951). — — — —

"OS SERTÕES", de Euclides da Cunha, lançado recentemente nos Estados Unidos pela "University of Chicago Press", em tradução de Samuel Putnam, **teve a sua primeira edição esgotada em menos de três semanas.** E grandes escritores norte - americanos continuam a manifestar-se, de maneira excepcional, sôbre o livro de Euclides da Cunha.

Carleton Beals, autor de vários livros sôbre a América do Sul, declarou que a obra de Euclides da Cunha deve figurar entre as de maior importância da literatura universal. Pode ser considerada de valor igual a "Guerra e Paz", de Tolstoi.

Predisse, ainda, que os nomes e lugares mencionados por Euclides da Cunha nos "Sertões", embora sejam, atualmente, não familiares aos leitores dos Estados Unidos, em breve já farão parte do seu vocabulário, "porque o Brasil está destinado a tornar-se uma das maiores e mais poderosas nações do mundo".

O "Chicago Sun" classificou o livro "como um dos primeiros e mais genuinos produtos da mentalidade americana: um trabalho sôbre a América escrito por um americano".

"Não há exagêro" — disse êsse periódico — "em dizer-se que Euclides da Cunha foi um dos primeiros americanos a dirisar o grande panorama americano, a vê-lo objetiva e realisticamente, sem sentimentalismos ou a banalidade de românticos coloridos locais".

O "Saturday Review of Literature" escreve que "OS SERTÕES" proporcionou ao seu autor "a honra de ser comparado aos maiores escritores universais, desde o profeta Ezequiel até Carlyle. Ás vezes generalizando, outras particularizando, êle passa do abstrato ao concreto, com uma facilidade e um encanto de expressão e estilo realmente admiráveis".

Escrevendo no "The Commonwealth", um hebdomadário católico, Henry Lorin Rinase diz: "Profundamente compreendido, **"Os Sertões"** deve ser considerado o livro clássico de tôda a América".

Mary Raymond Cates, do "Inter-American", ao apreciar o livro, viu o seu valor no fato de que "êle transcende o interêsse nacional para ser uma obra de todos os tempos e de todos os povos".

Max Spindel, fazendo a crítica na tradução de "OS SERTÕES" para o "Philadelphia Inquirer" achou o estilo de Euclides da Cunha tão fresco e original que até o seu estudo de geologia e geografia parece um trecho de nossas leituras nas obras nacionais".

O "Journal of College English" descreveu "OS SERTÕES" como uma "História romântica escrita com todos os detalhes e vivacidade de um romance".

Vince Starret, na sua crítica para o "Chicago Tribune", chamou o livro de "perfeito exemplar de um trabalho científico, que é, ao mesmo tempo, um trabalho de arte de um dos maiores livros do mundo".

"Nos seus aspectos simbólicos" — escreve Starret — "o livro é quase um esquema de todo o mistério humano".

(Transcrito de "Leitura", de Abril de 1944).

Taunay e o Paraná

(Conclusão)

sonalidade de escól. Tudo em vão. Taunay fora acidentalmente militar. Era sobretudo político, escritor e músico. Neste último setor de atividade espiritual, fôra até pianista e compositor.

Quando pôde deixar a vida militar, êle a deixou, definitivamente, num largo gesto de sinceridade.

Escritor, embora se lhe opunham restrições como romancista, logrou o mais invejável triunfo, ao dar à publicidade "A Retirada da Laguna" e outras obras de raro valor histórico e literário.

Político, pugnou no Parlamento pela abolição, pela grande naturalização, pelo casamento civil, pela secularização dos cemitérios, pela criação do impôsto territorial e outras medidas de alcance social e político.

Vinculado pelo sangue a diversas famílias da melhor linhagem gaulêsa, o seu clima era naturalmente o monárquico. E por isso mesmo, leal ao grande soberano que o novo regime depôs e exilou, Taunay resignou-se ao ostracismo que lhe impusera a fatalidade histórica do Brasil e, no retiro do lar, consagrou à pena, os últimos anos de fecunda e luminosa existência.

Em dias de fevereiro de 1893 entregara à Arca do Sigilo do Instituto Histórico Brasileiro, os originais de suas "Memórias" para que fôssem dadas à luz da publicidade, cinqoenta anos depois, isto é, em fevereiro de 1943. Mas seus filhotes descendentes só puderam publicar a sludida obra em 1947.

x x x.

Ao assumir o alto cargo de presidente desta então província do Paraná, Taunay não mais vestia a farda de oficial do Exército Imperial, que êle tanto ilustrara na paz e na guerra. Era o Dr. Alfredo d'Escragnole Taunay, bacharel em matemática e ciências físicas e antigo deputado por Goiás. Não era Grande do Império, pois não fôra aos pés do sanguido pelo monarca com o agraciamento do viscondado de seu patronímico, título que só veio a receber a 6 de setembro de 1889, as vésperas da República.

Poucos meses se demorou êle na presidência desta província, pois o seu govêrno compreende Agosto de 1885 a Maio de 1886.

O dr. José Antônio de Azevedo Castro, seu ilustre biógrafo, disse que Taunay fêz aqui notável e fecundo govêrno, conseguindo fixar no solo "desta despovoada região milhares de colonos europeus".

É possível que Azevedo Castro haja exagerado a atuação do presidente Taunay no que respeita a tal povoamento. O visconde não faz mesmo alusão a tal inicativa em suas seiscentas e quarenta páginas memorialistas. Em poucos meses de govêrno, Taunay não poderia sinão fixar no solo centenas ou milhares de colonos vindos da velha Europa, povoamento que se processava desde 1829, quando entraram no Paraná emigrantes alemães provindos da Bavária e Bukovina, na região do Rio Negro.

Entretanto, Taunay revelou admiração e entusiasmo em suas "Memórias", pela província que lhe coube presidir. Ao visitar o imperador, quando de seu regresso à Corte, já demissionário, perguntou-lhe o monarca: "E o Paraná ?" Taunay respondeu: "Terra cheia de encantos naturais e povoada de gente simpática e amável", que o acolhera de modo excepcional, tornando o período de seu govêrno "um dos mais saudosos trechos de sua existência". Descreve, então, os Campos Gerais, "esmaltados de flôres, com os seus esbeltos e melancólicos pinheiros, ora em grupos, ora isolados, curiosos acidentes de terreno, lindos capões e espaçadas perspectivas".

Nestra passagem recorda a marcante personalidade do senador Manoel Eufrásio Correia, chefe do Partido Conservador no Paraná, de quem fôra grande amigo. "Inteligência de primeira água, diz Taunay, possuia dotes tribunícios elevadíssimos e caráter sem jaça". O senador Correia, que mereceu do escritor outras referências, quer como preito de simpatia política, pois ambos eram conservadores, quer como expressão de cordial amizade, era natural de Paranaguá, tendo falecido em Recife, onde exercia o alto cargo de presidente da província de Pernambuco, a 4 de fevereiro de 1888, e "quando o Paraná e o Brasil — diz Agostinho Ermelino de Leão — muito esperavam de seus talentos e virtudes".

Louvores ao Povo Autóctone!

Por **Sebastião Paraná** —
(Saudoso Geógrafo Paranaense)

O indígena é nobre, é audaz, é, como Potí, destemido na guerra, assim como dócil ao seu benfeitor e impassível em face da morte.

Foi tocante o primeiro encontro entre a expedição de Cabral e os selvícolas de Pôrto Seguro. A mansidão dêstes revelou-se na simpatia com que receberam os conquistadores, enquanto êstes não lhes deram provas de crueldade.

Os indígenas não são sanguinários, como muitos erradamente os julgam: pois se o fôssem, não tratariam com bondade os condenados que o almirante lusitano alijou nas praias de SANTA CRUZ, aos quais receberam em suas tabas, onde os europeus desposaram as mais queridas moçoilas da cabilda, onde constituiram família, apagando assim a nostalgia cruciante que lhes pungia o coração.

Nobre e digno, um dia o selvagem insurgiu-se indignado, de tacape em punho, contra a torpeza de seus algozes, contra a escravidão cruel, contra o cativeiro ignominioso e aviltante a que o submeteram.

"Não fôssem — diz Reis Carvalho — os bárbaros tratos infligidos aos ingênuos silvícolas pelos ocidentais, e deixaria de haver na história brasileira êsse fúnebre cortêjo de massacres com que o europeu exterminou o índio, e as justas represálias da raça oprimida. O que Caminha observou nos primeiros dias da descoberta teria persistido indefinidamente: "andavam já mais mansos e seguros entre nós, do que nós andávamos entre êles", escreve o protocronista pátrio. É que as ingênuas crenças do selvagem, desenvolvendo, sobretudo, o sentimento, os levariam a achar em tudo objetos de amor, que também se transforma em ódio, desde que sofre a desilusão do primeiro impulso afetivo. O amor ou o ódio, mas sempre o sentimento em tôda a sua exuberância, é a feição característica da alma silvícola. Aliando êste elemento psíquico predominante à coragem de homens afeitos à luta com a natureza física e à sagacidade de espíritos habituados à contemplação perene de sêres a quem extremamente amam ou odeiam, conforme lhes são benéficos ou maléficos, os silvícolas, conduzidos pelo conselho amigável e doce, e jâmais coagidos pelo mando imperioso e cruel, ter-se-iam incorporado pacìficamente à civilização ocidental".

E se ainda hoje, às vezes, se irrita e investe contra os "brancos", o faz por um desfôrço natural, lembrando-se das penúrias por que passaram seus antepassados e vendo que dia a dia perdem suas tabas, sendo emxotados a ferro e fogo das terras onde nasceram.

Louvores! louvores ao povo autóctone que entrou como elemento de formação de nossa nacionalidade e a que devemos, diga-se a verdade, grande parte das belas qualidades que nos distinguem como povo altivo, valente e cioso de sua liberdade.

Notas e...

(Conclusão)

Academia de Letras José de Alencar

A Academia de Letras José de Alencar é hoje uma das mais prestigiosas de todo o Brasil.

Fundada por um pugilo de idealistas, ela cresce cada vez mais, a ponto de se projetar mesmo fora do país.

Numa das últimas sessões, que contou com o que de mais seleto e expressivo conta o mundo intelectual paranaense, foram recebidos novos membros nacionais e estrangeiros, tendo falado vários oradores, que apresentaram eloquentes trabalhos.

O abraço euclidiano dos jagunços de Ponta Grossa aos seus irmãos alencaristas de Curitiba!

Museu Campos Gerais

Lista das últimas doações feitas: 1 quadro, pelo Snr. Diomar Wambier (Curitiba); 2 fotografias da visita de D. Pedro II a Ponta Grossa (1.882), oferta do Snr. Odilon Ribas (Curitiba); 1 estrêla do mar, pelo Snr. Cyro Ehlke; 2 moedas alemãs e inglesas, pelo Snr. Manoel Wambier; 1 documento de Juca Tigre e vários bons de cidades brasileiras, pelo Snr. João Henrique Domingues; 1 ninho de guacho, oferta do Snr. Carlos Oetler; 1 quadro da Família Imperial Brasileira, oferta do Snr. Roberto Rizental.

Concedida Subvenção ao Centro Cultural "Euclides da Cunha"

O "Euclides da Cunha" acaba de ser beneficiado com uma subvenção na importância de 50 000 cruzeiros, prevista para o orçamento federal de 1952.

Essa valiosa ajuda ao grande baluarte da Cultura é devida à iniciativa do exmo. Snr. Senador Flávio Carvalho Guimarães e seus dignos colegas.

A todos os nossos eternos agradecimentos.

Este não é o mundo ideal

Para HERNANI DE LENCASTRE

Este não é o mundo ideal em que me quero.
Venho de longe e trago o destino em pedaços.
Ninguém sabe quem sou. Vou triste e só — e os braços
Estendidos ao longo do meu desespêro.

Não vem ninguém seguindo o rasto dos meus passos.
Se chamo por alguém, ninguém responde. Espero,
E ninguém vem: Espero, e só me desespero:
E é de esperar assim que levo os nervos lassos.

Não tenho nada (a não ser as minhas penas):
Nem um destino ou credo ou ambições. Apenas
Na alma estas estranhas, doidas fantasias

De andar no mundo só e livre como o vento.
(Só não posso evadir-me dêste desalento
De não ter dado nada e ir de mãos vazias!)

Ponta Delgada (Açores), 1951.

EDUINO JESUS

xxx

A VIDA E O MAR

Eu ouço o mar cantar... Cantar as melodias!
E que segrêdo encerra e que harmonia agita,
que há de sentimento,
que há de fantasia,
nessa epopéia de furor e vida!!

É manso, às vezes, como a tarde da agonia,
outras, vive o esplendor das alvoradas!

É o mar... é o mar êsse desconhecido...
Tão grande, tão medonho, tão alegre, tão triste...
Indeciso como a vida!

(Petrópolis, 1940). **Hélio Chaves**

xxx

Ressurreição

Eu quisera em versos lindos, traduzir
tudo quanto de grandioso e belo, sinto
no coração, na alma, em meu sêr todo;
mas a palavra está aquém do meu sentir...
Creias-me, amor, juro que não minto
— pois à aurora, mentir não pode o lôdo.
Amo-te com tôda a fôrça de minh'alma,
mais que a vida, mais que a luz dos olhos,
pois a cegueira prefiro a te perder.
Longo tempo naveguei por entre abrôlhos,
mil vêzes me senti desfalecer...
O teu amor, porém, restituiu-me a calma.
Hoje, de novo enfrento a vida
e luto com renovado ardor.
E o golpe adverso com vigor aparo,
pois tenho o escudo forte do teu amor!

Vitória, 22-11-1951.

Maria de Lourdes Netto

La Oración de la Selva

Al Escritor **Luís Villaronga**

En una hamaca que tendió el follaje
los ruídos de la Selva se han dormido,
y hasta el puma ha callado su rugido
en la agreste belleza del paraje...

El rumor melodioso del ramaje
es apenas el eco de un zumbido,
pues el viento su vuelo ha detenido
para oír el silencio del paisaje...

Es el minuto santo... Es el minuto
en que la Selva rinde su tributo
a esa Fuerza Invisible que la alienta...

Y se suplica, en su oración callada,
la libre de la mano despiadada
del hombre destructor que la atormenta!...

Oscar Ponce de León

(Lima, Perú) 1951.

xxx

Cidade Presépio

Por **Vicente de Oliveira e Silva**

À beira-mar, erguida venturosa,
Esta Cidade que reluz fagueira...
No pedestal da heróica cordilheira
— Qual fortaleza imensa, majestosa!
Serviste de defesa esplendorosa,
Aquela brava gente forasteira...
Que, ao pisar em teu sólo a vez primeira,
Cobrira-se de luz maravilhosa!...

Teu nome, um corolário de bravura!
Es Cidade Presepe em formosura,
Que hoje festeja o quarto centenário!...

Vitória, Capital do Espírito Santo,
Es tú, a CATEDRAL dêste recanto...
Tendo o Penedo como CAMPANÁRIO!

(Inédito) — Vila Velha, Espírito Santo.

Vila Lobos fala sôbre a música moderna

Vila-Lôbos, que se encontra nos Estados Unidos há um mês, numa "tournée" de concertos, recebeu a intrusão de boa vontade. A entrevista à imprensa havia sido anunciada por tôdas as agências de imprensa e o maestro foi o único a não ser informado pelos organizadores — a Orquestra Sinfônica Nacional de Washington, que êle dirigirá.

A incompreensão musical dos seus contemporâneos de que se queixa o compositor brasileiro é devida, na sua opinião, à "falsa educação musical no mundo inteiro".

"É necessário abandonar a escola "à maneira de um" — afirmou com vigor. Por que fazer isto ou aquilo à maneira espanhola, francesa ou russa? Deve-se exaltar música à maneira do seu país, dos seus costumes, do seu clima. Eu sou brasileiro, descendente de índios do Brasil e nunca tive professôres estrangeiros. O que estudei foi nos nossos rios, nas nossas florestas e nas nossas árias folclóricas".

Vila-Lôbos considera os Estados Unidos como o país mais adiantado do mundo em arte. A razão é a mistura de diferentes povos, disse êle.

"A música dos Estados Unidos ainda é uma espécie de "música de Babel" mas dentro de quarenta anos as diferentes influências nacionais terão se amalgamado e surgirá então, um único tipo de norte-americano e uma música tìpicamente norte-americana.

Tendo os jornalistas lhe perguntado se acreditava que a música seria mais compreensível nos Estados Unidos se fossem traduzidas as óperas estrangeiras em inglês, Vila-Lôbos exclamou: "Ópera? Isso acabou. Ópera ao lado do rádio, da televisão e da bomba atômica? — Não existe. A ópera é coisa do passado".

O compositor brasileiro disse que havia tentado uma nova forma de ópera com: "Magdalena" mas julga que não obteve nenhum sucesso em Nova York. Revelou que o "Metropolitan Opera House" lhe encomendara uma ópera, mas que não executará o pedido. "A ópera é um trabalho perdido para o compositor pobre e eu tenho medo de que a modifiquem para colocá-la ao alcance do grande público, de modo que nada mais fica sendo do seu autor". Citou, então, o exemplo de uma famosa cantora norte-americana que aceitou cantar "Manon", mas recusou cantar o terceiro ato que lhe desagradava. "Os senhores compreendem? Se isso foi possível com Mussenet, é velha música, bem entendido, porém "Manon" não deixa de ser uma obra prima", o que aconteceria com uma obra do pobre Vila-Lôbos?

Na próxima têrça-feira Vila-Lôbos regerá a Orquestra Sinfônica de Baltimore. Pela primeira vez "ouvirá" sua composição, "Erosão" escrita para a Orquestra Sinfônica de Louisville. "Erosão" — explicou êle — é a lenda da criação do rio Amazonas".

Depois dêsses dois concertos em Baltimore e nesta Capital e de dois concertos com a Orquestra Sinfônica de Bufalo, Vila-Lôbos voltará a Nova York onde já entabolou negociações para a dissolução da casa "Vila-Lôbos Musical Corporation". Vila-Lôbos disse que a maneira como a casa está operando é pouco satisfatória e em resposta a uma pergunta declarou que ainda não tinha resolvido criar outra mas que tinha grande número de propostas para isso.

(Reproduzido, em parte, do "Diário de Notícias", do Rio).

Notas e Notícias Culturais

Comemorações Euclidianas e Maratona Intelectual

Como nos anos anteriores, teremos em 1952 mais uma semana de intensa vibração cívica e intelectual. É precisamente a que precede a morte do nosso inolvidável Patrono, o preclaro escritor e patriota Euclides da Cunha. Falarão vários oradores, havendo também uma MARATONA INTELECTUAL para os estudantes do Curso Secundário, como será amplamente divulgado pela Imprensa e Rádio. Os vencedores receberão prêmios em dinheiro, oferta da "Casa de Euclides", de São José do Rio Pardo.

O Professor Roger Bastide Recebeu o Título de Doutor "Honoris Causa" da Universidade de São Paulo

Em Novembro último, a Universidade de São Paulo houve por bem conferir ao exmo. snr. Prof. Roger Bastide o título de Doutor "honoris causa", pelos reais serviços por êle prestados ao Brasil, mormente no setor sociológico.

Autor de inúmeras obras sôbre o nosso país, como, por exemplo, Imagens do Nordeste Místico, ele mais do que ninguém se fazia credor de nossa gratidão.

Regozijando-se com o acontecimento, o "Centro Cultural Euclides da Cunha" enviou-lhe um telegrama de felicitações, tendo êle agradecido, profundamente sensibilizado, pois é, igualmente, Sócio Correspondente do mesmo, na capital bandeirante.

Prof. Da. Judith Macedo Silveira

A 15 de Novembro último, a memória da grande educadora pontagrossense, Da. Judith Macedo Silveira foi homenageada com a inauguração de um busto na praça Barão do Rio Branco. Com a presença das autoridades, pessôas da família e inúmeros ex-alunos, amigos e conhecidos, realizou-se o ato, tendo falado, em nome do Centro Cultural "Euclides da Cunha", o Snr. Ottokar Hanns Hoeldtke, que produziu brilhante oração. Agradeceu, em nome da família, o Snr. Dr. Nadir Silveira, filho filho da homenageada, o qual também se expressou magnificamente.

Homenagem ao Exmo. Snr. Senador Flávio Carvalho Guimarães

O Centro Cultural "Euclides da Cunha", a 5 de Janeiro último, saldou uma grande dívida para com o Exmo. Snr. Dr. Flávio Carvalho Guimarães, seu ilustre Sócio Correspondente na Capital Federal.

Sua Excia., que exerce o cargo de Senador pelo Paraná, muito tem feito pela cultura em sua terra natal, Ponta Grossa. Assim é que, graças à sua eficiente ação, o Centro receberá, êste ano, uma subvenção federal no valor de 50.000 cruzeiros, o que representa uma ajuda verdadeiramente apreciável.

Aproveitando a sua estada, nesta cidade, os euclidianos lhe ofereceram um jantar de cunho genuinamente cultural, tendo comparecido mais de uma centena de pessôas. Falou, em nome do Centro, o Snr. Major Murilo Teixeira Barros, que proferiu um bonito discurso, que vai reproduzido em outra página dêste jornal. Agradecendo, fêz uso da palavra o homenageado, que demonstrou ser ainda o grande tribuno e primoroso cultor do vernáculo, que todos sempre admiramos.

Falaram, ainda, os Exmos. Snrs. Drs. Aramys de Athayde e Oscar Lopes Munhoz, que vieram a Ponta Grossa especialmente para fazer causa comum com os euclidianos, pois que, não obstante os cargos públicos que ocupam (respectivamente, Secretário da Justiça e Oficial de Gabinete), êles se consideram muito bons euclidianos, como tiveram ocasião de acentuar.

A todos a diretoria do Centro agradece pela sincera solidariedade jagunça.

Conferência do Snr. Tenente-Coronel Luiz Carlos Pereira Tourinho

Sob o patrocínio da Associação dos Engenheiros de Ponta Grossa e do Centro Cultural "Euclides da Cunha", realizou-se, a 12 de janeiro último, no Salão de Festas do Clube Guaíra, uma conferência, a cargo do Snr. Tte-Coronel Luiz Carlos Pereira Tourinho, Diretor do DER, subordinada ao título "Plano Rodoviário do Paraná".

O conferencista, que se revelou um conhecedor profundo do assunto, porquanto é Catedrático da Faculdade de Engenharia do Paraná, discorreu, durante mais de duas horas, sôbre o importante tema, sempre com crescente interêsse, da parte do auditório. Na próxima edição dêste jornal, reproduziremos uma sinópse da conferência.

Edição Especial do "Tibagi"

Comemorando mais um aniversário de sua fundação, o "Tibagi", importante órgão da imprensa brasileira, que se edita em Monte Alegre, apareceu com uma edição de mais de quarenta páginas, fartamente ilustradas, com colaborações dos principais intelectuais paranaenses e brasileiros.

Dr. João Cecy Filho

O nome do Dr. João Cecy Filho é um dos mais gloriosos da terra dos Pinheirais. Não obstante haver falecido muito jóvem ainda, a sua obra é, no entanto, das mais sólidas e duradouras. Escritor, poeta, jurista, educador ou orador, em qualquer terreno, sempre se salientou de maneira esplendorosa.

Saldando antiga dívida para com a sua memória, a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, resolveu dar a rua onde reside a sua família o seu nome imortal.

Durante a solenidade, falaram os Snrs. Borel du Vernay, Dr. Faris Michaele, Dr. Mário Lima Santos, Dr. Manoel Antonio da Cunha Neto, representando, respectivamente, o Snr. Dr. Prefeito, o Centro "Euclides da Cunha", a Ordem dos Advogados do Paraná e os colegas dos tempos ginasiais, pois que o brilhante tribuno, que ocupa a Promotoria Pública de Ponta Grossa, é um dos ex-colegas do homenageado.

Os oradores, que foram muito aplaudidos, receberam os agradecimentos da família Cecy Filho, através do Snr. Manoel Cecy, irmão do ilustre pontagrossense.

Prof. Lynn Smith
Por iniciativa da União Cultural Brasil-Estados Unidos,

de São Paulo, foi recentemente homenageado o Snr. Prof. Lynn Smith, autor de um dos mais imparciais e completos estudos sôbre o Brasil: Brazil — People and Institutions — sòmente comparável ao erudito trabalho do Snr. Prof. Fernando Azevedo — "A Cultura Brasileira".

O Centro Cultural "Euclides da Cunha" congratula-se com os promotores dessa justa homenagem, motivo de orgulho para todos nós, porque o emérito catedrático da Universidade da Flórida é igualmente nosso Sócio Correspondente.

Aniversário da Rádio Clube Pontagrossense

A Rádio Clube Pontagrossense (PR-J2) comemorou, a 21 do corrente, seu 12º. aniversário. Dizer o que isto representa para a Cultura Paranaense é coisa que consideramos desnecessária, pois que todos estão vendo quão nobres são as iniciativas da capitânea da Rêde de Emissoras do Paraná.

Aos Snrs. Abílio Holzmann e Manoel Machuca, os parabéns dos colegas euclidianos.

A Última de Gilberto Freyre

Mestre Gilberto Freyre, que sempre foi considerado razoàvelmente exemplar em seus trabalhos, está ùltimamente descambando para o ridículo, com as suas predileções raciais exquisitas. Em "Sobrados e Mucambos", por exemplo, entre outras coisas estapafúrdias, diz: "o primeiro imperador do Brasil foi deposto por não ser nato, e o segundo por não ser mulato".

Parodiando o campeão da inteligência, tomamos a liberdade de propôr a seguinte solução, mais fiel à veracidade dos fatos históricos: "o primeiro imperador do Brasil foi deposto por ser MALUCO, e o segundo por NÃO SER MAMELUCO".

Importação de Intelectuais Holandeses

O Brasil, como país dos absurdos, sempre nos reserva, através da palavra autorizada de seus governantes, surpresas das mais impagáveis. A mais recente é a de que "vamos importar intelectuais holandeses" conforme se depreende da leitura de um dos últimos números da "Gazeta", de S. Paulo.

Imaginem, intelectuais do país menos intelectualizado do Ocidente! Sim, raros, raríssimos são os nomes holandeses que possam ser considerados internacionalmente. E é semelhante país que nos vai abarrotar de literatos, filósofos e falsos cientistas...

Geração Espontânea

A Snra. Raquel Queiroz é das escritoras mais originais do Novo Mundo.

Os seus conceitos são como a sua forma: introspectivos a mais não poder.

Escrevendo, recentemente, no "Cruzeiro", ela teve a feliz idéia de lembrar que os portugueses, assim que desembarcaram no Brasil, a tal ponto massacraram os índios, que o que deles restou sururucu selva a dentro, para nunca mais dar o ar de sua presença.

Quer dizer que essa história de cruzamento com mulher indígena, bandeirantes, etc., é conversa fiada. Nada, nem mesmo a **intelectual mamaluca Raquel Queiroz existe.** Ou é que se trata de **geração espontânea,** à maneira de Haeckel?

Grêmio Passofundense de Letras

Do aristocrático sodalício de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, recebemos gentil comunicação da eleição de sua nova Diretoria, a qual está assim constituída: Presidente: Dr. Verdi de Cesaro; vice-dito: Jornalista Túlio Fontoura; Secretário Geral: Prof. Sábino Santos, reeleito; Tesoureiro: Saul Sperry Cezar e Bibliotecário: Prof. Arlindo L. Osório (reeleito).

Gratos pela deferência, com os nossos sinceros votos de feliz gestão.

Centro de Letras do Paraná

O Centro de Letras do Paraná, veterana Casa de Cultura, que congrega as mais cintilantes penas do nosso Estado, realizou, há pouco, mais uma de suas concorridas e proveitosas sessões, dedicada a seus novos sócios efetivos e correspondentes. Nossas sinceras felicitações à sua digna diretoria pelo muito que tem feito pelas letras e pelo prestígio intelectual do Paraná.

(Conclui na página 15)

Tapejara

PONTA GROSSA, FEVEREIRO DE 1952.

Ciclos do Silêncio

Para o ilustre Amigo Dr. Faris S. Michaele

No silêncio do Cosmos, **ad aeterno,**

Milhões de mundos turbilhonam, correm!
Transpondo espaços siderais, concorrem
Para o concêrto universal, superno.

Do nosso mundo, qual no escuro averno,
Lavas ardentes no recesso escorrem,
E à superfície os dias máus transcorrem,
Na balbúrdia da dôr, do cáos interno!

Partícula do Cosmos, silenciosa,
E a Terra, entretanto, uma ruidosa,
Uma tremenda força incandescente;

Uma forja onde, ao rubro da amargura,
Vái o Sêr procurando alçar-se à altura,
Ao silêncio do Cosmo, eternamente...

Arnaldo S. Thiago (Rio de Janeiro)

xxx

Cartuxa de Valldemossa

PARA "TAPEJARA"

Vagueiam, nesta casa, murmurantes,
sombras desfeitas da quimera vã...
das ilusões que a alumiavam dantes
quais fachos de oiro em nívea barbacã!

Ecos de ritmos tristes, ofegantes,
como os escondes, álgida, ancilã!
Harmonias ocultas... cintilantes
revérberos do gênio de Chopin...

Tuas paredes, frias e caladas,
guardam segredos, como que assombradas...
Ai, do sonho afogado em tédio e mágoa!

E quando a chuva, lá do céu caída,
desce, desfeita em lágrimas, vencida,
volta sempre a ouvir-se... "O pingo de água"!

Valldemossa (ilha de Maiorca), 13-9-1951.

Hernani de Lencastre

Tapejara
Órgão do Centro Cultural EUCLIDES DA CUNHA

Diretor:
Faris Antonio S. Michaele
Secretário:
Daily Luiz Wambier

Redatores:
João Alves Pereira, Rolando Guzzoni e outros.

Redação: Caixa Postal, 337
PONTA GROSSA
Paraná - Brasil

NOTA: "**Tapejara**" destina-se a intercâmbio cultural e distribuição interna, sendo rigorosamente proibida a sua venda.